



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



LEONICE BÁRBARA DE REZENDE

Da formação à prática do profissional psicólogo: Um estudo a partir da visão dos profissionais

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Mourão Júnior

JUIZ DE FORA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - MESTRADO



LEONICE BÁRBARA DE REZENDE

Da formação à prática do profissional psicólogo: Um estudo a partir da visão dos profissionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Leonice Bárbara de Rezende.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Mourão Júnior

JUIZ DE FORA
2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rezende, Leonice Bárbara de.

Da formação à prática do profissional psicólogo: Um estudo a partir da visão dos profissionais / Leonice Bárbara de Rezende. -- 2014.

96 f.

Orientador: Carlos Alberto Mourão-Júnior

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014.

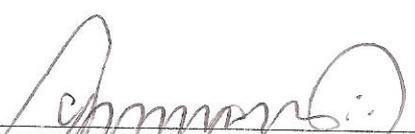
1. Egressos. 2. Formação Profissional. 3. Psicologia. 4. Título. I. Mourão-Júnior, Carlos Alberto, orient. II. Título.

Leonice Bárbara de Rezende

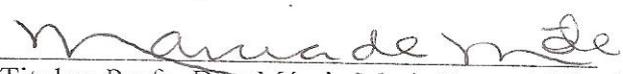
**DA FORMAÇÃO À PRÁTICA DO PROFISSIONAL PSICÓLOGO: UM ESTUDO A PARTIR DA
VISÃO DOS PROFISSIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia por Leonice Bárbara de Rezende.

Dissertação defendida e aprovada em 10 de fevereiro de dois mil e quatorze, pela banca constituída por:


Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Mourão Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora


Presidente: Prof. Dr. Lélío Moura Lourenço
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Profa. Dra. Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

“Uma profissão não é um fazer pronto que recebemos. Uma profissão se constrói na história de uma sociedade em um tempo histórico que permita seu surgimento, ou seja, necessite dela” (Bock, 2008).

Agradecimentos

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus por me dar forças para concluir mais esta etapa em minha vida.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa.

Ao PPG-Psicologia, representado na figura do coordenador Altemir Gonçalves.

Ao projeto de egressos da UFJF, pelo auxílio no envio dos questionários que tanto auxiliaram na delimitação de minha amostra.

Aos egressos de Psicologia que responderam ao questionário enviado por email, em especial às colegas de profissão que se disponibilizaram em conceder as entrevistas.

Aos meus professores, que sempre me auxiliaram em minha zona de desenvolvimento proximal, desde minha irmã que me ensinou as primeiras letras aos 4 anos até meus professores de mestrado. Sei que saio do PPG-Psicologia muito mais crítica e preparada para os desafios de minha profissão e para a carreira acadêmica.

Aos professores que tão gentilmente aceitaram o convite para compor a minha banca: o professor Telmo Ronzani que tanto contribuiu em minha qualificação. À professora Márcia Mota, por me ensinar os primeiros passos em minha jornada enquanto pesquisadora. Ao professor Lélío Lourenço, por me ensinar a ser uma terapeuta cognitiva e por ser sempre tão amigo.

Ao meu orientador Mourão pela gentileza e amizade, como li certa vez, o papel do orientador é transformar o erro em dúvida, acho que cumpriu bem este papel.

À minha família, por ser meu apoio, sem ela nada seria possível. Especialmente à minha mãe Lourdes sempre carinhosa, e às minhas irmãs e irmãos: Lourdes; Sibéria; Soraia; Shirley; Geraldina; Iara; Geraldo; Getúlio; Josino; João Paulo e Elton.

Ao meu noivo Raphael, em breve futuro marido, por ser um companheiro leal, compreensivo e por estar ao meu lado desde minha graduação, sendo peça fundamental em minha jornada.

Ao amigo Leonardo Duque pelo auxílio na transcrição das entrevistas.

Ao Daniel pelo auxílio com a conceituação da Fenomenologia.

Aos meus amigos sempre dispostos a me ouvir e auxiliar.

Sei que sem vocês este caminho teria sido muito mais difícil, meu sincero agradecimento!

RESUMO

O resgate histórico da Psicologia, enquanto campo de estudo e atuação profissional, está diretamente relacionada à história de nosso país. Como pudemos ver a preocupação com a formação de profissionais de Psicologia não é recente, com estudo que data de 1975. E desde então diversos autores têm apontado uma insatisfação de alunos com seus cursos de graduação, indicando para uma insuficiência dos mesmos, em formar profissionais críticos e capazes de exercer uma prática fundamentada nos avanços da ciência psicológica. Sendo assim a presente pesquisa teve como objetivo principal entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF - MG, formados há, no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento, e a partir daí, levantar os aspectos positivos e negativos da formação em questão. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa à luz da Fenomenologia. Participaram da pesquisa oito psicólogas formadas por esta instituição, com idades entre 23 a 26 anos. A experiência na área de atuação variou de seis meses a dois anos. Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista, contendo cinco perguntas disparadoras. A partir da análise dos significados da vivência pode-se concluir: que grande parte das profissionais avaliam positivamente sua formação, dentre os problemas apresentados temos como destaque a pouca diversidade de teorias e áreas contempladas na formação. Os dados indicam que mudanças são necessárias na estrutura do curso, a fim de que se oportunize uma maior diversidade teórico prática durante a formação.

Palavras chaves: Egressos, Formação Profissional, Psicologia, Titulo.

ABSTRACT

The historical review of psychology as a field of study and professional practice, is directly related to the history of our country. As we can see, the concern with the professional Psychology training is not recent, with a study dating from 1975. And from then many authors have pointed students dissatisfaction with their graduation courses, indicating perform their failure to form critical professionals and able to perform a reasoned practice based on the advances of psychological science. Therefore the present study aimed to understand how the formation, from the perspective of students who graduated in Psychology at UFJF - MG graduated at the latest three years, contributed to the work of these professionals in various areas of this field of knowledge and from there raise the positive and negative aspects of the formation in question. Therefore, a qualitative approach in the light of the Phenomenology was performed. Eight psychologists formed by this institution participated in the survey, aged 23-26 years. The experience at this area ranged from six months to two years. For data collection, a structured interview was used containing five triggering questions. From the analysis of the meanings of the experience we can conclude: that most professionals positively evaluate their training, among the problems presented we have highlighted a little diversity of theories and areas covered in the training. The data indicate that changes are needed in the course structure in order to have the opportunity to practice a greater theoretical diversity during training.

Keywords: Alumni, Professional education, Psychology, Title

SUMÁRIO

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) _____	83
APÊNDICE 2 – Questionário de Caracterização dos Participantes _____	84
APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevista semi-estruturada _____	85

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Grade Curricular do curso de Psicologia até o ano de 2008 _____	88
ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado do CEP _____	91
ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) _____	93

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Contextualização da pesquisa _____	6
--	---

2. CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – História da Psicologia no Brasil: Breve inserção a partir do seu processo de ensino e profissionalização _____	10
2.2 – Diretrizes para a formação dos psicólogos _____	14
2.3 – Perfil do psicólogo/a brasileiro/a _____	18
2.4 – Estudos sobre a formação e atuação em Psicologia no Brasil _____	21

3. CAPÍTULO 2: O CAMPO

3.1 - A história do curso de Psicologia UFJF _____	24
3.2 – Estrutura do currículo da UFJF _____	26
3.3 - Pesquisas que enfocaram a atuação do psicólogo no contexto de Juiz de Fora _____	28

4. OBJETIVOS

4.1 – Objetivo Geral _____	30
4.2 – Objetivo Específico _____	30

5. METODOLOGIA

5.1 - Método Fenomenológico na pesquisa em Psicologia _____	30
5.2 – Procedimento preliminar _____	33
5.3 – Participantes _____	34
5.4 – Instrumentos _____	35

6. RESULTADOS

6.1 - Vivência do processo de formação em Psicologia _____	36
Vivência Psicóloga Hospitalar _____	37
Vivência da Psicóloga em Interface com a Justiça _____	38
Vivência da Psicóloga Jurídica _____	42
Vivência da Psicóloga Social _____	45
Vivência da Psicóloga do Trabalho _____	48
Vivência da Psicóloga Clínica _____	52
Vivência da Psicóloga Hospitalar _____	54
Vivência da Técnica Social na área de Psicologia _____	58
6.2. - Síntese das Vivências sobre formação _____	63

7. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 73

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 78

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - Contextualização da pesquisa

Diversas vezes, enquanto recém-formada em Psicologia me deparei com as incertezas deste novo momento da minha vida. Como aplicar o conjunto de conhecimentos desconectados que adquiri em minha graduação? Espera-se que a partir da formação do profissional psicólogo, que o mesmo esteja preparado para lidar com vidas nos mais diversos ambientes em que poderá atuar, seja na área aplicada ou em pesquisa. Porém essa atuação não pode estar apoiada em senso comum ou apenas boa vontade. Esse profissional além de ético deve ser capaz de intervir embasado em conhecimentos científicos de sua área.

Foi a partir de meus questionamentos enquanto recém-formada, bem como de minha experiência enquanto pesquisadora da atuação de colegas psicólogos, que a ideia de pesquisar sobre a formação em Psicologia surgiu.

Minha trajetória acadêmica foi bastante diversificada, desde cedo tentei primar por uma formação generalista. No 2º período de faculdade pude participar da empresa júnior de Psicologia organizacional, experiência que durou um ano, a qual me deu uma oportunidade de aplicar conhecimentos que só me seriam repassados ao final do curso. Concomitante a esta experiência participei de um grupo de pesquisa, no qual investigávamos as contribuições de variáveis cognitivas como a consciência morfológica (permaneci no grupo até sua finalização com a saída da docente responsável para outra instituição).

Logo após estas experiências (4º e 5º período) participei de um projeto multidisciplinar, no qual tive experiência com Psicologia hospitalar, além de poder dialogar com estudantes de áreas como: enfermagem, medicina, assistência social. Finalizado este estágio extracurricular, participei do Programa de Educação Tutorial de Psicologia, o qual nos permitia participar de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Esta experiência, assim como as demais já citadas, foi de grande importância para minha formação, uma vez que participei em pesquisas na área de hipnose, e Psicologia social. Além disso, como atividades de extensão, pude trabalhar com atendimento clínico utilizando a abordagem ericksoniana, e na realização de seleção de pessoal. Pude organizar eventos, planejar treinamentos e grupos de estudo.

Quando precisei decidir que área escolher para meu estágio curricular, no 7º período, foi um momento bastante difícil, pois sabia que escolheria um caminho que iria mudar os rumos que minha formação havia tomado até então, uma vez que iria ter que escolher qual referencial teórico iria adotar em minha prática dali em diante. Decidi-me, a partir das várias experiências de até então, que faria o estágio em Psicologia escolar. Foi muito enriquecedor, uma vez que nossa perspectiva era preventiva e tentávamos desviar o foco do aluno enquanto problema.

Como meu estágio em Psicologia escolar tinha um foco bastante cognitivo, no 9º período, realizei meu estágio em clínica, com ênfase na Terapia Cognitiva de Aaron Beck, este estágio me possibilitou adquirir algum manejo clínico, além de conhecimentos de técnicas.

Relatei com maior riqueza de detalhes minha experiência em estágios, uma vez que percebo que foram estes que me possibilitaram um “como fazer”, tão necessário a mim enquanto recém-formada. As matérias que me foram repassadas me ajudaram, porém, muitas vezes, elas não me davam o que eu mais queria: “saber como utilizá-las” em uma prática cotidiana.

Hoje, trabalhando na clínica, percebo que minha formação me possibilitou ir à busca de informações para minha prática. Além disso, como tive experiência em algumas áreas possíveis à prática do psicólogo, consigo perceber que tenho conhecimentos, que me possibilitam uma inserção nestas áreas, caso o mercado de trabalho assim exija.

Como trabalho de conclusão de curso pude pesquisar sobre concepções e práticas de psicólogos escolares acerca das dificuldades de leitura e escrita. Nossos resultados apontavam para uma prática desconectada dos avanços científicos, porém para além de perceber estes resultados, me questionei acerca de como teria sido a formação destes profissionais, quais seriam os reais motivos pelos quais estes eram levados a não se atualizarem, será que estes poderiam estar relacionados à formação recebida pelos mesmos? Será que eles haviam se preparado para atuar em outra área e o mercado de trabalho abriu a possibilidade de atuarem como psicólogos escolares?

Esses questionamentos não são inéditos, no trabalho de Carvalho e Sampaio (1997) sobre áreas emergentes de atuação do psicólogo os autores expressam muito bem essas inquietações, como se pode ver na passagem:

A qualificação percebida pelo psicólogo nos cursos de graduação realmente lhe confere uma base sólida para o exercício de qualquer uma destas áreas? Uma vez graduado o recém-psicólogo pode aceitar o encargo de psicólogo do esporte, por exemplo, em um grande (ou pequeno, que seja) time de futebol? Ele dispõe de um rol de conhecimentos e técnicas que lhe permite realizar minimamente seu encargo, enquanto procura por cursos de pós-graduação que lhe possibilitem uma especialização? (p. 14).

Os autores supracitados apontam que talvez essa questão indicasse a necessidade de pensarmos em mudança curricular. Porém admitem que apenas a reforma curricular não fosse suficiente para a formação de um profissional generalista, capaz de atuar em diversas áreas.

Sabe-se hoje que, desde 2004, há uma lei de diretrizes e bases para a formação em Psicologia. Essa lei prevê conhecimentos básicos a serem repassados aos graduandos desse curso, conhecimentos esses que são essenciais ao desenvolvimento desse profissional, professor e pesquisador. Tendo em vista que muitos de meus sujeitos eram formados a mais de 15 anos, data anterior à publicação da referida Lei, para este trabalho, pensamos que seria necessário investigarmos psicólogos formados há no máximo três anos, uma vez que estes já poderiam ter se beneficiado das diretrizes propostas por esta lei. Além disso, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mantém um programa de egressos, no qual os dados de email de todos recém-formados até no máximo três anos podem ser acessados no sistema. O que nos facilitaria o contato com nossa amostra de pesquisa a fim de saber quais áreas os egressos de Psicologia estariam atuando.

Sendo assim, a partir da necessidade de entender quais são os motivos levam muitos profissionais a apontarem a graduação como falha, bem como sabendo que há uma lei que delimita quais competências são imprescindíveis para a formação de um profissional de Psicologia capaz de atuar nas diversas áreas deste campo de conhecimento, o presente estudo tem como objetivo geral: entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento. Temos como objetivos específicos: levantar os aspectos positivos em sua formação; bem como identificar quais as principais lacunas da graduação.

Para atingir tais objetivos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito profissionais, atuantes em diferentes áreas da Psicologia. As quais foram analisadas por meio da análise qualitativa de referencial fenomenológico.

O presente trabalho está estruturado em 5 capítulos: Revisão de literatura, Objetivos; Metodologia, Resultados e Discussão e Considerações finais.

A revisão de literatura do presente trabalho está estruturada por meio de subtítulos. No primeiro subtítulo abordaremos a história da Psicologia no Brasil a partir de das perspectivas de ensino e profissionalização, concordamos com a afirmação de Jacó-Vilela (2008) de que a história é a

tentativa de reconstrução da gênese de acontecimentos e, principalmente, de nossas idéias, hábitos e costumes, como a grande ferramenta virtualmente apta a nos permitir desnaturalizar as idéias que expressamos, bem como os costumes que compartilhamos com aqueles outros que nos constituem e com quem, juntos, construímos o mundo em que vivemos (p.146).

Em seguida, no subtítulo 2, discutiremos algumas produções a respeito das diretrizes curriculares para os cursos de Psicologia. No 3º subtítulo apresentamos algumas pesquisas que caracterizaram o perfil do profissional psicólogo. Pois entendemos que é a partir do resgate das políticas para a formação do psicólogo, bem como do perfil deste profissional que as pesquisas sobre a formação e atuação encontram sentido. Sendo assim, o 4º subtítulo versa sobre as pesquisas sobre a formação e atuação em Psicologia no Brasil.

O 5º subtítulo retrata o campo em que nossa pesquisa foi realizada, e estrutura-se de maneira a contemplar a história do curso de Psicologia da UFJF, o currículo e as ênfases que organizam a formação destes profissionais, bem como algumas pesquisas que enfocaram a prática de profissionais psicólogos na cidade de Juiz de Fora.

O segundo capítulo versa sobre os objetivos da presente pesquisa. O 3º capítulo aborda a metodologia utilizada no estudo, os procedimentos realizados. O 4º capítulo apresenta os resultados alcançados, no 5º capítulo apresentamos a discussão destes resultados e algumas considerações a respeito do trabalho realizado.

2 - CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – História da Psicologia no Brasil: Breve inserção a partir do seu processo de ensino e profissionalização

A história da Psicologia no Brasil pode ser analisada sob diferentes marcos cronológicos ou a partir dos fatos mais importantes para a construção da mesma:

Isaías Pessotti (1988) divide esta história em quatro períodos: Período Pré-Institucional (até 1833); Período Institucional (1833-1934); Período Universitário (1934-1962); Período Profissional (1962 até hoje).

Marina Massimi (1990), em seu livro: *História da Psicologia Brasileira: da época colonial até 1934*, divide a história em três fases: Conhecimentos psicológicos no Brasil colonial; A “Psychologia” no Brasil no Séc. XIX; Surgimento da Psicologia Científica.

Pereira e Pereira Neto (2003) propõem a divisão desta história em três momentos, tomando como ponto de partida a história da profissão no Brasil, pré-profissional (1833-1890), de profissionalização (1890/1906-1975) e profissional (1975 até hoje).

Tendo em vista o tema e os objetivos do presente trabalho a história da Psicologia no Brasil, será revisada sob duas perspectivas, a saber: o de seu ensino e seu processo de profissionalização. Destacaremos os fatos que nos parecem mais importantes para delinear a história da Psicologia no Brasil, porém sabemos que muitos nomes e acontecimentos não poderão ser abordados, o que gera uma limitação do texto.

Devemos levar em consideração quando se estuda a história da Psicologia no Brasil que esta está intimamente relacionada à história de nosso país. Massimi (1990) nos relata que nas “origens dos conhecimentos psicológicos elaborados ou transmitidos no Brasil da época colonial, refletem-se as influências profundas do saber europeu, mescladas a aspectos próprios da cultura indígena.” (p. 5). Também, aponta que os autores desta época, geralmente tinham uma formação jesuítica ou europeia, visto que neste período a condição de colônia do país gerou dificuldades ao desenvolvimento de instituições de ensino superior e pesquisa (Massimi, 1990), uma vez que Portugal cerceou a possibilidade de atividades culturais da colônia. O que resultou em nossa cultura, em uma supervalorização dos conhecimentos produzidos no exterior, e uma

desvalorização dos conhecimentos produzidos no país, acarretando assim uma grande perda dos documentos desta época, o que gera hoje uma dificuldade em se recuperar a história desse período (Massimi, 1990)

Em 1822, com a Independência do Brasil ocorreu à criação de instituições públicas de ensino como, por exemplo, o Colégio Imperial D. Pedro II (1838), no RJ; as faculdades de medicina do Rio e da Bahia (1932); faculdades de Direito de São Paulo e Olinda), será nestas instituições que se começará a formalizar o ensino de Psicologia (Jacó-Vilela, 2012; Massimi, 1990).

As escolas de medicina do Rio e da Bahia têm especial importância para o desenvolvimento da Psicologia no Brasil, visto que será nestas instituições que as primeiras teses (doutoramento) de interesse psicológico serão escritas. Segundo Massimi (2007), os fenômenos psicológicos eram concebidos como parte de uma “higiene social” da população brasileira da qual os médicos deveriam ser os opífices (p. 145). Bock (1999) relata que os conteúdos das produções médicas visava caracterizar a doença moral, “presente nas prostitutas, nos pobres e nos loucos.” (p.318).

Um parêntese se faz necessário a fim de sinalizar um acontecimento de importância não só para a Psicologia no Brasil, mas em todo o mundo. Em 1879, ocorre em Leipzig, Alemanha, a criação do laboratório de Psicologia sob a condução de Wilhelm Wundt, visto que como indica S. F. Araújo (2009), a importância deste laboratório reside em este ter sido o primeiro centro internacional de formação de psicólogos.

Dez anos depois da criação do laboratório de Leipzig em 1889 é proclamada a república no Brasil. No ano seguinte (1890) a Reforma Benjamin Constant permite a incorporação de disciplinas de Psicologia no currículo das Escolas Normais. De acordo com Massimi (1990) “a pedagogia das escolas normais encontrará seu fundamento na Psicologia experimental recém-surgida” (p.35). No mesmo ano ocorre a Criação do Pedagogium no Rio de Janeiro, instituto que tinha como finalidade servir como órgão central de coordenação das atividades pedagógicas do país, além de atuar como centro propulsor das reformas e melhoramentos de que carecesse a educação nacional. Ainda neste ano, ocorre também no Rio de Janeiro a transformação do Hospício D. Pedro II no Hospital Nacional de Alienados.

Massimi (1990) relata que a Psicologia no Brasil no século XIX, anteriormente ao advento do positivismo, e da Psicologia científica, ocupava um espaço próprio, porém se encontrava na dependência de outras áreas do saber, como a filosofia, a

pedagogia e a medicina, assumindo em cada uma delas, conotações diferentes. Sendo assim, este período tem o que se pode chamar de conhecimentos psicológicos, e não de Psicologia propriamente dita.

Os primeiros esforços no sentido de tornar a Psicologia autônoma em relação à filosofia, podem ser encontrados na segunda metade do século XIX, no pensamento de filósofos positivistas brasileiros, porém é no século XX que, influenciadas pelas ideias positivistas de Comte, vemos esforços cada vez mais significativos para a construção de uma Psicologia científica no Brasil (Massimi, 1990).

Em 1906 ocorre a Criação do Laboratório de Psicologia Pedagógica no Pedagogium, primeiro laboratório de Psicologia do Brasil. Idealizado por José Joaquim Medeiros e Albuquerque, e dirigido inicialmente por Manoel Bomfim. No ano seguinte 1907 cria-se o Laboratório de Psicologia do Hospital Nacional de Alienados, por Maurício de Medeiros. Em 1914 ocorre a criação do laboratório de pedagogia experimental na escola normal de São Paulo, dirigido por Ugo Pizzoli (Pessoti, 1998). Podemos perceber nestes acontecimentos os primeiros esforços no sentido de construção de uma Psicologia científica no Brasil.

Em 1921 a Psicologia é adotada no currículo das escolas normais como disciplina optativa, segundo Pereira e Pereira Neto (2003) “a incorporação da Psicologia no currículo dos cursos de pedagogia e a criação dos laboratórios experimentais constituíram-se em vias trilhadas para a profissionalização do psicólogo no Brasil.” (p.22).

No ano de 1923 ocorre a Criação do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopata de Engenho de Dentro (RJ), este foi o primeiro laboratório de Psicologia pura no Brasil e dispunha de equipamentos trazidos de Paris e de Leipzig, seu objetivo ia além da experimentação, ele deveria auxiliar a instituição médica frente às necessidades clínicas e sociais, além de atuar como núcleo científico e centro didático na formação dos técnicos brasileiros. No ano de 1932 o laboratório é então transformado em “Instituto de Psicologia” do Ministério da Educação e Saúde Pública, passando a ter como objetivo, a formação de “psicólogos profissionais” (Jacó-Vilela, 2008, p. 148). Em 1937 o Instituto é incorporado à Universidade do Brasil (Pessoti, 1975).

Ainda neste ano a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) criada por Gustavo Riédel em 1922, propõe ao Ministério da Educação e Saúde a obrigatoriedade de gabinetes de Psicologia junto às clínicas psiquiátricas (Catharino, 2008; Pessoti, 1975).

Em 1925, Ulisses Pernambuco cria no Recife o Instituto de Seleção e Orientação Profissional, neste instituto diversos estudos de Psicologia aplicada são produzidos (Catharino, 2008). Segundo afirmam Pereira e Pereira Neto (2003) duas práticas realizadas neste laboratório se tornarão típicas do psicólogo: a testagem e a psicoterapia. Catharino (2008) ressalta que neste período há um “descompasso entre a ênfase na Psicologia aplicada e o desenvolvimento teórico. Um exemplo disso é o fato de serem, os ‘práticos-psicologistas’, autodidatas” (p. 103).

Três anos mais tarde, em 1928, por decreto a disciplina de Psicologia passa a ser obrigatória nas escolas normais.

Catharino (2008) destaca que até 1940 a Psicologia estava atrelada aos cursos de Biologia e Neurologia, sendo que somente em 1950, em Porto Alegre é criada a cadeira de Psicologia no curso de Medicina. Ressalta ainda que:

desde o início, as aplicações da Psicologia seguem aquelas que, mais tarde, viriam a se tornar as três áreas tradicionalmente instituídas: clínica, escolar e do trabalho. De maneira geral, este parece ser o quadro encontrado: a ação precedendo a teorização, fato que procura ser ‘corrigido’ com a regulamentação da profissão (p. 103).

Nos anos de 1934 a 1962, período denominado por Pessotti (1988) de universitário, se dá a consolidação da Psicologia “como uma ciência capaz de formular teorias, técnicas e práticas para orientar e integrar o processo de desenvolvimento demandado pela nova ordem política e social.” (CRP-06 região, 2013). Neste período ocorre a criação da USP (1934); da Universidade do Brasil (1939); da Fundação da Sociedade de Psicologia de São Paulo (1945); entre outros. E em 1946 pela portaria 272, referente ao decreto de lei 9.092, institucionalizou-se a formação do psicólogo brasileiro.

Em 1962, no dia 27 de agosto a Lei 4119 regulamentou a profissão de psicólogo no Brasil, ainda neste ano pelo parecer 403 do Conselho Federal de Educação foi estabelecido o currículo mínimo, e a duração do curso de Psicologia (Pereira e Neto, 2003, Lourenço Filho, 1970). Em seu artigo 3º estabelece que: “A duração do Curso de Psicologia é de quatro (4) anos letivos para o Bacharelado e a Licenciatura e de cinco (5) anos letivos para a formação de Psicólogos, incluindo-se nesta última hipótese o estágio supervisionado.” (Brasil, Parecer 403, 1962).

No ano de 1971, ocorre a Criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais, em 1975 acontece à aprovação do Primeiro Código de Ética Profissional,

consolidando assim o período de profissionalização (Lourenço Filho, 1970; Pereira & Pereira Neto, 2003). Bock (1999) ressalta que os Conselhos serão ocupados por grupos “mais progressistas” que queriam que a Psicologia “se tornasse instrumento a serviço do povo” (p. 320).

Os anos 80 vão marcar “abertura do mercado de trabalho no serviço público de saúde” (Bock, 1999, p. 320) que colocará aos psicólogos a necessidade de repensarem suas práticas, agora para responder às necessidades desta população.

No ano de 1988 acontece a publicação do livro/pesquisa “Quem é o Psicólogo brasileiro?”, neste concluiu-se que a profissão apresentava as seguintes características: profissão feminina; jovem; concentrada nos centros urbanos. A pesquisa concluiu também que os psicólogos eram profissionais mal remunerados. “Duas outras pesquisas, realizadas em 1994 e em 2001, pelo Conselho Federal de Psicologia, indicam que os dados colhidos em 1988 permanecem os mesmos” (Pereira & Pereira Neto, 2003, p. 26).

No ano de 2004, estabelecem-se as diretrizes curriculares nacionais (DCN) para os cursos de Psicologia. Em 2011 novas DCNs foram publicadas, porém mantêm inalteradas todas as inovações trazidas pelas DCN de 2004 no que se refere a: existência do núcleo comum; articulação a partir das competências básicas e dos eixos estruturantes; instituição dos estágios básicos; e proposição das Ênfases Curriculares e dos estágios específicos, constitui-se assim em um documento que visa orientar sobre os princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação deste curso. Para os fins deste trabalho, consideraremos as DCNs de 2004.

2.2 – Diretrizes para a formação dos psicólogos

Conforme citado anteriormente, em 1962, pelo parecer 403 o currículo mínimo para a formação de psicólogos é estabelecido, com o objetivo de promover orientações mínimas à formação, dos psicólogos, bacharéis e licenciados em Psicologia, e evitar assim uma expansão desordenada dos cursos da profissão recém-regulamentada (Brasil, Parecer 403, 1962; Nico & Kovac, 2003)

Como núcleo comum obrigatório o parecer 403/62 previa 7 matérias, são elas: “1. Fisiologia; 2. Estatística; 3. Psicologia Geral e Experimental; 4. Psicologia do

Desenvolvimento; 5. Psicologia da Personalidade; 6. Psicologia Social; 7. Psicopatologia Geral.” (Brasil, Parecer 403, 1962).

Como se pode notar o núcleo comum envolvia conhecimentos instrumentais como os da Fisiologia e Estatística, e os conhecimentos próprios da Psicologia tais como: Psicologia Geral e Experimental, Psicologia da Personalidade, Psicologia Social e Psicopatologia Geral.

Para obtenção do diploma de psicólogo o parecer previa em parágrafo único: além das matérias obrigatórias do núcleo comum, mais cinco (5) outras assim discriminadas:

8. Técnicas de Exame Profissional e Aconselhamento Psicológico; 9. Ética Profissional; 10. /12. Três dentre as seguintes: a) Psicologia do Excepcional, b) Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, c) Pedagogia Terapêutica, d) Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, e) Teorias e Técnicas Psicoterápicas, f) Seleção e Orientação Profissional, g) Psicologia da Indústria (Brasil, Parecer 403, 1962).

Como se pode perceber, para obtenção do diploma de psicólogo, o graduando deveria realizar duas matérias obrigatórias (8 e 9), e escolher por 3 disciplinas opcionais (a/g). Além de praticar um período de treinamento através de atividades de estágio (Brasil, Parecer 403, 1962).

O currículo mínimo se mostrou como um primeiro esforço no sentido de orientar a formação em Psicologia, porém várias críticas a esse currículo serão feitas nas décadas subsequentes, (Weber, 1985; Yamamoto, 2000). Rocha (1999) destaca que:

Desde 1963, quando o primeiro currículo oficial foi fixado pelo Conselho Federal de Educação, até 1994, os psicólogos sempre se mostraram incomodados quanto a própria formação. De acordo com Rocha Jr. (1996), nesses trinta e um anos, houve pelo menos dois momentos fortes de transformação: o primeiro, entre 1970 e 1980, com a tentativa de se reestruturar o currículo, que acabou não passando de um ‘acréscimo’ de disciplinas; o segundo, agora, período correspondente entre 1991 e 1999, quando as discussões parecem mais fundamentadas e capazes de unir os profissionais em torno também da formação profissional (p.4).

Como indica Rocha (1999), será a partir da década de 90 que os Conselhos Regionais estabelecerão os primeiros debates, a fim de elaborar mudanças estruturais nos currículos, o “Encontro de Serra Negra”, em 1992, que reuniu grande maioria de representantes de instituições formadoras em Psicologia, foi de fundamental

importância, uma vez que possibilitou avanços nos princípios norteadores para a formação acadêmica (CFP, 1992).

A partir de 1995, psicólogos e agências formadoras, a pedido dos Conselhos federal e regional, enviam propostas de reestruturação curricular para os cursos de Psicologia. E em 1996, foi promulgada em 20 de dezembro a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, que versa sobre todo o ensino no país, desde a creche até a pós-graduação, com a promulgação desta lei “os currículos mínimos foram extintos e cada área tornou-se responsável por formular suas diretrizes para o ensino superior” (Nico & Kovac, 2003, p. 56).

“Em 1998, foi instalada uma Comissão de Especialistas indicada pelo SESU - Ministério da Educação com a missão de estudar e propor uma nova direção à formação em Psicologia.” (Rocha, 1999, p. 6). No ano seguinte esta comissão divulga uma *Minuta das Diretrizes* (Yamamoto, 2000).

Hoff (1999) apresenta em seu artigo, “*A Proposta de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia: uma Perspectiva de Avanços?*”, uma análise do conteúdo e forma da Minuta de diretrizes curriculares para os cursos de Psicologia. A autora conclui que “como propostas, as Diretrizes Curriculares não podem, ainda, ser vistas como uma plataforma para avanços da formação em Psicologia no Brasil.” (p.31).

Estas novas diretrizes tinham como objetivos responder a duas questões, propostas pela comissão de especialistas:

- 1) ‘o que é básico na formação em Psicologia?’ e, portanto, deveria ser assegurado nos mais diferentes projetos pedagógicos do país, e 2) como configurar possibilidade de concentração em domínios da Psicologia, garantindo flexibilidade e inovações nos currículos, sem correr os riscos de uma especialização precoce? (Nico & Kovac, 2003, p. 56).

Em 07 de novembro de 2001 foi divulgada as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Graduação em Psicologia aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, que teve como relatoras Silke Weber e Vilma Mendonça Figueiredo (CNE/CES 1.314/2001), estas diretrizes foram organizadas:

em uma estrutura cuja seqüência e conteúdo são articulados em princípios e fundamentos, que orientam o planejamento, a implementação e a avaliação do curso de Psicologia. A estrutura prevê o curso de Psicologia, diferenciando-se em três perfis de formação: o bacharel em Psicologia, o professor de Psicologia e o psicólogo. Essa diferenciação apóia-se em um núcleo comum de formação que estabelece uma base homogênea no país e uma capacitação básica para o

formando lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação. Tanto o núcleo comum como os perfis profissionalizantes foram definidos em termos de competências e habilidades. O núcleo comum concentra-se no domínio dos conhecimentos básicos e estruturantes da formação. Os perfis concentram-se na diferenciação e domínio de conhecimentos psicológicos e de áreas afins, e na capacitação para utilizá-los em diferentes contextos de atuação (CNE/CES 1.314/2001).

Em seu art. 4º este documento estabelece conhecimentos requeridos aos profissionais a fim de que estes possam exercer as seguintes competências e habilidades: I) Atenção à saúde; II) Tomada de decisões; III) Comunicação; IV) Liderança; V) Administração e gerenciamento; VI) Educação permanente (Brasil, 2004).

Estas competências reportam-se a desempenhos e atuações requeridas ao formando em Psicologia, e devem garantir ao profissional um domínio básico de conhecimentos psicológicos e a capacidade de utilizá-los em diferentes contextos que demandam a investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais, e na promoção da qualidade de vida. Para tal estas competências devem estar apoiadas em habilidades, tais como: levantar informação bibliográfica, ler e interpretar comunicações científicas, planejar e realizar várias formas de entrevistas, entre outras (Brasil, 2004). Estas competências estabelecem o *núcleo comum* da formação em Psicologia em todo o país.

Como aponta, Bernardes (2012), no currículo mínimo a aprendizagem se dá por meio de uma acumulação de conhecimentos obtidos através de matérias específicas, já as DCN constituem as orientações sobre princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação dos cursos envolvidos (Brasil, 2004).

Concordamos com Bernardes (2012) quando este propõe, que o “primeiro desafio está vinculado à superação da ideia de que o currículo não se reduz a uma lista ou à grade de disciplinas, mas é implementado no campo das relações de poder e na produção de cultura” (p.219).

Em seu artigo 10º as DCNs preveem que devido à:

Diversidade de orientações teórico-metodológicas, práticas e contextos de inserção profissional, a formação em Psicologia diferencia-se em ênfases curriculares, entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia (Brasil, 2004).

Delimita que cada curso deve oferecer pelo menos duas ênfases para a formação de seus graduandos, e sugere que as instituições possam ter como ponto de partida os domínios consolidados em Psicologia (Brasil, 2004). Domínios estes que podem estar apoiados em áreas de atuação clássicas em Psicologia, como: escolar, organizacional e Clínica. Autores como Weber (1985) e Bernardes (2012), têm explicitado críticas a este modelo de ênfases no sentido de que não representam avanços para uma formação em Psicologia que seja mais generalista.

Segundo Witter e Ferreira (2010), “a formação do psicólogo deve acompanhar a mudança constante da sociedade e do mercado de trabalho” (p. 21).

As autoras apontam ainda que, “seja qual for o projeto pedagógico, currículo ou a disciplina, o êxito e a diferença quem faz é o docente” (Witter & Ferreira, 2010, p. 38). Concordamos em parte com esta afirmação, visto que acreditamos que o formando de Psicologia também tem papel fundamental em seu processo de formação, atua e desenvolve-se em interação com o mundo através da linguagem (Bock, 1997; Vigotski, 1999). Por mais que o professor dirija a escolha dos métodos de ensinar, estes “métodos são eficazes somente quando estão, de alguma forma, coordenados com os modos de pensar do aluno” (Tunes, Tacca & Bartholo, 2005, p.291).

2.3 – Perfil do psicólogo/a brasileiro/a

Bastos e Gomide (1989) apresentam em seu artigo intitulado “O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional”, um resumo do primeiro estudo de abrangência nacional sobre a profissão do psicólogo no Brasil expresso no livro “*Quem é o Psicólogo brasileiro*” (1988).

“A pesquisa permitiu conhecer a face da profissão no país como um todo, já que eram relativamente superficiais as variações entre as regiões” (Bastos, Gondin & Borges-Andrade, 2010, p. 258).

Os resultados desta pesquisa foram apresentados sob 10 aspectos: 1) O crescimento da profissão; 2) Características gerais da profissão; 3) Emprego, desemprego e remuneração; 4) Áreas de atuação; 5) Relações de trabalho e carga horária; 6) Locais de trabalho; 7) Atividades desenvolvidas; 8) Orientações teórico-metodológicas; 9) A avaliação do exercício profissional; 10) A avaliação da formação acadêmica. E indicavam dados que segundo os autores talvez não agradassem a psicólogos e docentes de Psicologia (Bastos & Gomide, 1989).

Vinte anos se passaram sem que um novo estudo desta amplitude fosse realizado, porém por iniciativa do GT Psicologia Organizacional e do Trabalho da Anpepp, realizou-se entre 2006 e 2008 uma nova pesquisa sobre a profissão do psicólogo no Brasil (Bastos et. al, 2010). Os resultados desta pesquisa estão publicados no livro intitulado “*O trabalho do psicólogo no Brasil*” (2010), organizado por Antônio Virgílio Bittencourt Bastos, Sonia Maria Guedes Gondin e colaboradores.

Com base neste novo estudo Bastos, Gondin e Borges-Andrade no ano de 2010 publicam um capítulo no livro “*Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*”, no qual retomam o artigo de Bastos e Gomide (1989) apresentando as principais diferenças entre as duas pesquisas.

Com relação aos resultados, três aspectos serão aqui elencados, por estarem diretamente relacionados ao nosso objeto de pesquisa: Áreas de atuação; a avaliação do exercício profissional e a avaliação da formação acadêmica.

No que se refere às áreas de atuação, Bastos et.al (2010) ressaltam que não houve diferenças com relação ao estudo dos anos 80, a clínica ainda aparece com grande peso, porém os novos dados apontam para a emergência da área de saúde, sendo a “segunda área de inserção de psicólogos” (p.262). A área de organizacional apresentou um crescimento, sendo a terceira área que mais absorve psicólogos, além disso, houve uma expressiva queda no número de profissionais atuando na área escolar/educacional. Áreas como jurídica e social, aparecem em percentuais ainda reduzidos. E a docência apresentou crescimento “em função da expansão do sistema de ensino superior no país com oferta de cursos de Psicologia” (p.262). Os autores ainda apontam que “permanece, todavia, a mesma tendência de o psicólogo, em grande proporção, combinar inserções em diferentes áreas da Psicologia” (p. 262).

Com relação à avaliação do exercício profissional, “o psicólogo faz uma avaliação moderadamente positiva da credibilidade e prestígio da profissão” (p.267), não alterando os dados da pesquisa anterior. Além disso, assim como na pesquisa anterior avaliam a profissão como mal remunerada.

“Apesar dos problemas que cercam o exercício da profissão, as intenções de nela permanecer são elevadas e melhoraram bastante quando comparadas com os anos 1980” (p. 267). Os autores indicam que os dados revelam que o “psicólogo possui forte identificação com a sua ocupação, associada a um alto comprometimento com a profissão e com a sua área de atuação” (p.267).

No que se refere à formação oferecida pela graduação Bastos et.al (2010) indicam que o tratamento destes dados pela pesquisa anterior não permite a comparação dos mesmos, sendo assim adotaremos as informações relativas aos novos dados, visto que se inserem na perspectiva de formação adotada pelas novas DCN para os cursos de Psicologia. Desprezando-se “tais diferenças, os resultados apontam para um quadro de dificuldades sérias no processo de formação do psicólogo no Brasil” (p.268).

Os dados revelam que “os psicólogos reconhecem uma distância significativa entre as suas aprendizagens na graduação e as demandas do exercício profissional” (p.268). Havendo uma grande defasagem entre o que é necessário ao desenvolvimento da prática e o que é ensinado.

Entre os pontos mais críticos se apresentam a “formação científica” e as competências para trabalhar com “grupos e organizações” (p.268). Além disso, como na pesquisa anterior as competências para se trabalhar nas áreas clássicas (avaliação, psicodiagnóstico e a clínica em geral), ainda são tidas como mais desenvolvidas.

Os autores concluem que há um grande desafio no que se refere à formação do psicólogo, tendo em vista que a acentuada expansão dos cursos não tem sido acompanhada de qualidade do corpo docente, “para assegurar uma formação de elevada qualidade” (p.269).

As pesquisas conduzidas pelo CFP (1988) e pelo GT Psicologia Organizacional e do Trabalho da Anpepp (2008) revelaram que mais de 80% dos psicólogos Brasileiros são mulheres. A partir desta constatação o “Conselho Federal de Psicologia encomendou uma pesquisa de abrangência nacional, para avaliar aspectos quantitativos e qualitativos de dimensões que possam contribuir para a compreensão da influência feminina sobre o exercício profissional.” (CFP, 2013). Esta pesquisa deu origem à publicação: “*Quem é a psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e trabalho*” (2013).

A fim de traçar um perfil do profissional de Psicologia, alguns dados serão apresentados. A pesquisa do CFP (2012) constatou que 89% dos psicólogos são mulheres, e que 41% têm entre 20 e 39 anos.

Mais da metade (53%) tem na Psicologia seu exercício exclusivo. Entre os locais onde exercem sua atividade principal, os cinco mais frequentes foram: Consultório particular (34%); Organizações privadas (12%); Hospital psiquiátrico (11%); Organizações públicas (11%); Unidades do SUAS (8%) (Lhullier & Roslindo, 2013).

Com relação à formação complementar a “maior parte (31%) dos títulos conquistados pelas psicólogas, sem distinções por nível da pós-graduação, é em

Psicologia Clínica, seguindo-se a Psicologia Organizacional e do Trabalho (14%).” (Lhullier & Roslindo, 2013).

Os dados dos recém-formados em Psicologia apontados por Malvezzi, Souza e Zanelli (2010) indicam que é exigido destes cada vez mais uma inserção em tarefas especializadas, seja por cursos de pós-graduação ou “trajetória profissional” (p.86).

Malvezzi et.al (2010) analisa as características de 835 psicólogos formados a no máximo 2 anos, estes configuram 24,9% da amostra de psicólogos da pesquisa do GT da Anpepp (2008). Dessa subamostra, percebe-se que 83,9% são do sexo feminino, seguindo a tendência e feminilização da profissão. Metade dos profissionais (51,4%) está na faixa esperada para a população entre 24 e 26 anos. 53,1% ainda moram com a família, sendo que apenas 13% já constituíram sua própria família.

Com relação à instituição de ensino superior (IES), 75,7% da amostra é formada por IES privadas, tendência apresentada pelo ensino superior brasileiro (Lisboa & Barbosa, 2009; Malvezzi, Souza & Zanelli, 2010). Com relação ao primeiro emprego, 37,3% está inserido em atividade autônoma, seguida de perto pelo setor público (33,6%), 19,7% estão inseridos no setor privado, e 9,4% em instituições não privadas e nem governamentais, como por exemplo, as ONGs.

Estes dados são interessantes e nos auxiliarão na discussão dos resultados da presente pesquisa.

2.4 – Estudos sobre a formação e atuação em Psicologia

A preocupação com a formação e atuação dos profissionais em Psicologia não é recente, como pode ser visto pelo estudo pioneiro de Sylvia Leser de Mello (1975), sobre a “*Psicologia e profissão em São Paulo*”. Esta preocupação com a profissão pode ser anterior ao que o estudo de Costa, Amorim e Costa (2010), encontrou documentos que datam de 1952.

O estudo de Costa et. al (2010), analisou a produção veiculada em diversos periódicos brasileiros, o exame de 291 trabalhos, indicou a “predominância dos relatos de pesquisa (n=123; 42,3%), imediatamente acompanhados pelos trabalhos teóricos (n=120; 41,2%). Já os relatos de experiência aparecem com apenas 16,5% (n=48).” (p. 42). As autoras atribuem estes resultados à ênfase dada pelas revistas na publicação de relatos de pesquisas.

Com relação aos dados sobre os pesquisadores da temática ‘atuação profissional’, Costa, Amorim, Pessanha e Yamamoto (2012a) analisaram o Currículo Lattes dos autores que produziram sobre o tema, os resultados indicaram que: “a maioria dos autores é do sexo feminino, pós-graduada em Psicologia, vinculada a instituições do eixo sul-sudeste do país e compõe grupos de pesquisa.” (p. 13)

Os autores relatam que esta produção tem sido realizada individualmente, sendo que cada autor tem de um a três escritos sobre a profissão, porém ressaltam que há “autores que podem ser tidos como referência, uma vez que se dedicam sistematicamente ao estudo do tema.” (Costa, Amorim, Pessanha & Yamamoto, 2012a, p.13).

Costa et. al (2012a) destaca que ocorre uma expansão dos escritos sobre a profissão partir da década de 80. Como ressaltam Bastos et. al (2010):

Os anos 1980 foram pródigos em estudos e reflexões sobre o exercício da Psicologia no Brasil. Tais reflexões, congruentes com as transformações em curso no cenário político do país, tinham como eixo básico a crítica ao caráter elitista ou excludente da profissão, quer em termos do vasto contingente da população excluída dos seus serviços, quer em termos dos modelos teóricos vigentes construídos fora do país e, muitas vezes, pouco sensíveis a elementos importantes da nossa realidade cultural (p. 258).

Acerca da necessidade da necessidade de se formar um profissional atento às demandas da sociedade e capaz de um fazer crítico (para maiores informações acerca desse movimento na Psicologia brasileira, consultar texto de Rocha, 2013). Ferreira Neto (2004) explicita que:

uma formação em Psicologia que vise o perfil de um profissional meramente técnico, capaz de responder adequadamente a diversos tipos de demanda, deve ser vista com reservas. A flexibilidade para atender indiscriminadamente às demandas deve ser observada com cautela. (...) Uma atuação que não toma a demanda como objeto de um trabalho crítico, presta um desserviço a Psicologia como profissão (p. 191).

Ainda sobre esta questão Carvalho (1984) indicava que se:

a formação em Psicologia não transmite ao aluno — ou não o leva a elaborar — um conceito amplo de atuação psicológica, abstraído dos modelos específicos de trabalho aos quais é exposto nos cursos, parece-nos que não estamos formando profissionais capazes de construir a Psicologia, mas apenas de repeti-la.

Com relação à produção referente à formação em Psicologia temos que esta se intensifica a partir dos anos 90, com destaque para os trabalhos teóricos e os relatos de pesquisa (Costa et.al, 2012b). A pesquisa de Costa et.al (2012b) analisou 143 documentos acerca da temática da formação em Psicologia, verificou-se que mais da metade dos documentos produzidos 76 não focavam uma área específica, o que para os autores demonstra “que os pesquisadores se interessam pela discussão da formação de um modo geral.” (p. 134). Este dado coaduna com a perspectiva de uma formação generalista. Porém o restante dos documentos objetivava “analisar a relação entre a atuação profissional e a formação graduada, considerando contextos específicos de trabalho do psicólogo” (p.134).

Assim como a produção acerca da atuação profissional, o estudo de Costa et. al (2012a), também indicou que dos autores que publicam sobre a formação em Psicologia em sua grande maioria produziu apenas um documento. O que na visão dos autores pode caracterizar uma passagem tangencial pelo tema.

O estudo de Witter e Ferreira (2010) destacou que estudos internacionais sobre formação apresentam temas de interesse comum aos estudos brasileiros, como: Tecnologia de ensino; ética; currículo e avaliação. Porém no Brasil há grande ênfase com relação aos estágios e supervisão, enquanto internacionalmente as avaliações do ensino de Psicologia em geral, bem como as estratégias de ensino estão em maior evidência.

Diversos estudos que avaliam a formação em Psicologia têm apontado que esta está longe de ser adequada (Beto & Simão, 2002; Lisboa & Barbosa, 2009), que os estudantes demonstram insatisfação com seus cursos (L. Pires, 2008), que o curso não atende às necessidades da sociedade, com ênfase na formação clínica-individual (Aguirre, et al., 2000; Beto & Simão, 2000; Carneiro, 2006), que há uma falta de articulação da teoria com a prática (Francisco & Bastos, 2010, Yamamoto & Cunha, 1998), que estudantes recebem as informações de forma passiva, não desenvolvendo assim uma capacidade crítica (Japur & Guanaes, 1999), e indicando desta maneira a necessidade de uma graduação mais formativa do que informativa (Lo Bianco, Bastos, Nunes & Silva, 1994). Estes motivos levam a uma formação precária, que se reflete em práticas muitas vezes inadequadas.

Na área de Psicologia escolar têm revelado práticas tradicionais e desvinculadas dos avanços científicos (Cabral & Sawaya, 2001; Mattos & Nuernberg, 2010; Rezende, 2011; Souza, Ribeiro & Silva, 2011), indicado por concepções generalistas e

superficiais (Rodrigues, Itaborahy, Pereira & Gonçalves, 2008), que não levam em consideração a “complexidade do cotidiano escolar e as relações sociais ali constituídas” (Tada, Sápia & Lima, 2010, p.338).

Na prática clínica constatou-se existir uma relação da prática do psicólogo com o modelo médico, com um início de mudança do conceito de clínica por parte dos novos psicólogos (Souza, 2007).

Com relação à Psicologia hospitalar o estudo de Torezan; Calheiros, Mandelli e Stumpf (2013) evidenciou que a graduação não prepara para as particularidades do trabalho em hospital geral.

Na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) o estudo de F. V. Pires (2009) identificou uma precariedade na formação, relatada pelos entrevistados, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho. Em outro estudo nesta área os psicólogos do trabalho “utilizam de maneira acrítica modelos e estratégias de ação em saúde na forma de programas pontuais, sem terem consciência do impacto e das repercussões que estes exercem sobre os sujeitos” (Ferreira, 2007).

3 – CAPÍTULO 2: O CAMPO

3.1 - A história do curso de Psicologia UFJF

A fim de contextualizar o surgimento da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), não podemos perder de vista o surgimento deste município situado na zona da mata mineira e da importância das elites locais da segunda metade do século XX (Yazbeck, 1999), na criação de institutos de escolas e centros ensino superior, os quais possibilitaram a criação da UFJF.

Segundo fonte de dados do IBGE, em referência ao site da Prefeitura deste município, esta cidade iniciou seu desenvolvimento por volta do ano de 1703, com a criação da estrada Caminho Novo, que ligava a região das Minas ao Rio de Janeiro. Esta estrada possibilitou grande desenvolvimento para a região, uma vez que foi possível a criação de postos de fiscalização e registro de ouro. Posteriormente ocorreu o desenvolvimento de um polo industrial nesta cidade

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=313670&search=minas-gerais|juiz-de-fora|infograficos:-historico>

O livro de Lola Yazbeck (1999): *As Origens da Universidade Federal de Juiz de Fora*, relata com riqueza e propriedade a influência das elites para o desenvolvimento do ensino nesta cidade, além do processo pelo qual passou as instituições de ensino superior neste município, os cursos oferecidos e o processo que culminou na federalização e conseqüentemente na formação de uma única universidade federal.

Em 23 de dezembro de 1960, o então presidente da república Juscelino Kubitschek, mediante a lei nº 3858 cria a Universidade Federal de Juiz de Fora. Inicialmente constituída pelos cursos de Engenharia, Economia, Medicina, Farmácia e Odontologia (Yazbeck, 1999).

Nos dias de hoje a UFJF conta com 44 cursos de graduação, subdivididos em 18 institutos e faculdades, além de cursos de pós-graduação nas modalidades: lato sensu, MBA e strito sensu (mestrado e doutorado). O curso de Psicologia compõe seu quadro de graduações, sendo assim apresentaremos a seguir a história deste curso.

A história do Departamento de Psicologia da UFJF é descrita no livro organizado por Jacó-Vilela (2011) e intitulado “*Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*”, no qual o professor Saulo de Freitas Araújo, ex-aluno e docente desta instituição, relata como se deu a criação deste departamento, do curso de graduação, além de descrever áreas de atividades de pesquisa e de práticas de estágios, além das modalidades de pós-graduação oferecidas.

Segundo S. F. Araújo (2011), a criação do departamento de Psicologia se deu a partir do desmembramento deste com o departamento de filosofia, este processo “decorreu de um contexto mais amplo de reforma geral na estrutura departamental da UFJF, aprovada pelo Parecer 2.693/76 do Conselho Federal de Educação”. De acordo com este autor, o evento mais significativo para este departamento foi à criação do curso de Psicologia após duas tentativas frustradas do departamento de filosofia.

Foi somente em 1988 que surgiu uma nova iniciativa de implantação de um curso de Psicologia na UFJF. Com uma comissão composta pelos chefes dos departamentos de Psicologia (professora Leila Guimarães de Castilho) e de Ciências Sociais (professora Helena Mendes Meireles) – contando com o empenho da direção do então Instituto de Ciências Humanas e de Letras (ICHL), professora Maria Vitória Arantes – deu-se início, em 11 de abril deste mesmo ano, ao processo de criação do curso de Psicologia, Processo 23071.013549/89-86. Esse processo teve seu desfecho no dia 7 de outubro de

1991, quando o Conselho Universitário da UFJF, pela Resolução 15/91, finalmente aprovou, por unanimidade, a criação do curso de Psicologia (p. 157).

Em março de 1992 o curso entrou em funcionamento e contava à época com um corpo docente, constituído por 7 professores efetivos. Oficialmente é criado, pela Resolução 53/97 do Conselho Universitário da UFJF de 24 de junho 1997, o Centro de Psicologia Aplicada (CPA), que já funcionava extraoficialmente desde 1996. Este é um espaço de estágio e atendimento à comunidade e que se localiza fora do campus da UFJF (S. F. Araújo, 2011).

Inicialmente, o curso tinha o objetivo central:

Oferecer à comunidade uma formação de caráter generalista em Psicologia, que poderia ser realizada em duas formas básicas: o Bacharelado em Psicologia, voltado para o magistério ou a carreira acadêmica, e a Formação do Psicólogo, que visava, sobretudo, à habilitação profissional para o mercado de trabalho específico do psicólogo” (S. F. Araújo, 2011, p. 157).

Como se pode notar a criação deste curso se deu anteriormente às DCNs propostas em 2004. Vinte anos após a criação deste curso, podemos notar que os objetivos do mesmo permanecem inalterados, porém hoje este departamento conta com 20 professores.

O curso de Psicologia hoje oferece 50 vagas, as quais são preenchidas no início do ano, tem duração mínima de 10 períodos e máxima de 18 períodos. Possui dois cursos de pós-graduação lato sensu, nas áreas de desenvolvimento humano e psicanálise. Em 2008 implantou uma pós-graduação strito sensu, hoje com três linhas de pesquisa, a saber: 1) Desenvolvimento Humano e Processos Socioeducativos; 2) Processos Psicossociais em Saúde e 3) História e Filosofia da Psicologia. No ano de 2013 deu início a sua primeira turma de doutorado.

3.2 – Estrutura do currículo do curso de graduação em Psicologia UFJF

Como expressa Witter et. al (2010), quando se pensa em currículo dois aspectos devem ser considerados: grade curricular (conjunto de disciplinas) e o estágio acadêmico. Além disso, podem ocorrer atividades eventuais ou sistemáticas, como semana de estudo, palestras, grupos de estudo e de pesquisa. “A composição e experiência docente – como o saber é gerado, repassado, e usufruído pelos integrantes

da comunidade (professores, alunos e corpo docente)” (p.43), vão refletir na formação de seus alunos.

As autoras ainda apontam que “é na sala de aula, nos estágios, no trabalho diário que se forja o profissional” (Witter e Ferreira, 2010, p. 16).

Nossa intenção com esta seção é de apresentar o currículo e as ênfases do curso de Psicologia, como podem ser acessadas pelo site oficial da instituição (<http://www.ufjf.br/Psicologia/curso/>), não temos com isto o intuito de análises mais aprofundadas, visto que este não é o objetivo do nosso estudo, porém ressaltamos que investimentos no sentido de avaliação deste currículo se fazem necessários.

O curso de Psicologia da UFJF a fim de formar seus graduandos oferece atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo o seu currículo composto por três ênfases: “1ª Psicologia, Desenvolvimento Humano e Processos Educativos; 2ª Psicologia, Processos de Prevenção, Promoção da Saúde e Social – Comunitária; 3ª Psicologia e Processos Clínicos. Além dessas ênfases ainda são trabalhados os Processos de Gestão Organizacional e Institucional, e os Processos de Investigação Científica. O curso possui ainda estágios em diversas áreas, uma empresa Junior, um Programa de Educação Tutorial, um Centro de Psicologia Aplicada e quatro importantes núcleos de pesquisa.” (<http://www.ufjf.br/Psicologia/curso/>).

Tendo em vista que os participantes deste estudo se formaram entre os anos de 2008 e 2011, o currículo analisado será o currículo vigente aos ingressos no curso até o ano 2008 (anexo 1). A partir deste currículo o estudante de graduação tem a opção de se formar como psicólogo ou bacharel em Psicologia.

O currículo aprovado pela Resolução nº 33/98 – e alterado pelas Resoluções 06/98 – CONGRAD, de 07/12/98, 07/98 – CONGRAD, de 07/12/98, 27/2002 – CONGRAD, de 30/08/2002, 052/2002 – CONGRAD, de 19/12/2002 e 009/2004 – CONGRAD, de 05/05/2004, prevê: que para a formação de psicólogo o graduando deverá cursar 185 créditos em disciplinas obrigatórias; 53 créditos em disciplinas eletivas; além do estágio supervisionado de 500h, o que representa dois estágios, sendo o primeiro realizado no 7º e 8º períodos e o segundo no 9º e 10º períodos.

Para a habilitação de bacharel, o graduando deverá cursar 177 créditos em disciplinas obrigatórias e 34 em disciplinas eletivas, não sendo necessária a realização de estágios.

Como se pode ver, o currículo mínimo do curso de Psicologia UFJF até 2007 tem como base as matérias elencadas no parecer 403/62 (Brasil, Parecer 403, 1962),

sendo acrescidas somente da matéria de anatomia, entre as disciplinas não específicas da Psicologia. Também para a formação do psicólogo se mantém inalterada no que diz respeito aos estágios, assim como no parecer 403/62, são necessárias 500 horas nesta modalidade.

A LDB para os cursos de Psicologia (Brasil, 2004) prevê em seu artigo 22 parágrafo 1º, um nível de estágio básico no qual se possam desenvolver práticas integrativas relativas às competências e habilidades previstas no núcleo comum. Como fica claro ao avaliar o currículo é possível perceber que até o ano de 2008 estas não haviam sido implantados, isto demonstra um atraso na implementação desta lei por parte da instituição, visto que o prazo máximo para a implementação da mesma era início de 2007 (Ancona-Lopez, 2005).

As ênfases propostas para este curso contemplam duas áreas tradicionais em Psicologia, a saber: Clínica e Escolar, assim como recomendadas pelas diretrizes propostas em 2004 (Brasil, 2004). Apresentando grande número de matérias relacionadas a estes conhecimentos.

3.3 - Pesquisas que enfocaram a atuação do psicólogo no contexto de Juiz de Fora

Na cidade de Juiz de Fora, três estudos enfocando a temática das concepções teórico-práticas podem ser apontados, todos investigaram profissionais inseridos no contexto escolar.

O estudo de Ronzani e Rodrigues (2006) teve como objetivo investigar se as concepções e práticas dos psicólogos entrevistados “se afinam com a tendência proativa atualmente delineada para o trabalho desses profissionais” (p. 69), o estudo contou com a participação de 23 psicólogos escolares da rede pública e particular neste município. Utilizaram como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturado, subdivididos em 5 categorias temáticas: “dados gerais, formação profissional, experiência profissional, atuação profissional com ênfase em questões de abordagem da ótica da prevenção e da promoção de saúde no contexto educativo, bem como dificuldades encontradas” (p. 70). Os resultados apontaram que os profissionais percebem sua formação em Psicologia escolar como insatisfatória, indicando segundo os autores, a necessidade de mudanças curriculares, a fim de que os profissionais pudessem estar mais bem capacitados para atuar nessa área, uma vez que apresentam práticas generalistas e superficiais.

Ainda no contexto escolar, na cidade de Juiz de Fora, o estudo de Rodrigues, Itaborahy, Pereira e Gonçalves (2008), acerca das concepções e práticas de psicólogos escolares relativas à prevenção e a promoção de saúde. Contou com a participação de 23 psicólogos escolares da rede pública e privada. Os resultados mostraram práticas contraditórias em relação às concepções destes profissionais, uma vez que estes possuíam concepções de valorização da prevenção, porém ainda mantinha, em sua prática profissional, um foco no atendimento individual. Também neste estudo explicitaram-se carências em relação à formação profissional principalmente no que se refere ao apoio aos pais.

O estudo de Rezende (2011), realizado nesta mesma cidade, investigou as concepções teórico-práticas de psicólogos escolares acerca das dificuldades de aprendizado de leitura e escrita. Participaram desta pesquisa onze profissionais. Os resultados evidenciaram que apesar de ser amplamente documentada a importância de variáveis cognitivas para o aprendizado da leitura e da escrita, os psicólogos entrevistados não demonstraram ter qualquer conhecimento acerca dessas variáveis. Além disso, apenas a metade relatou já ter desenvolvido alguma intervenção visando prevenir essas dificuldades, sendo que desses profissionais, quase a totalidade deixou de incluir em sua intervenção a estimulação de processos cognitivos.

Há que se considerarem estes dados com certa cautela, visto se tratar de três pesquisas realizadas no contexto escolar em um município de porte médio, Juiz de Fora, em que a totalidade da amostra de profissionais atuantes neste contexto foi pesquisada.

Nos três estudos, provavelmente, os mesmos indivíduos responderam às pesquisas, daí os resultados se mostrarem tão semelhantes indicando que a formação destes profissionais deve ser repensada, bem como há a necessidade da formação continuada a fim de que estes possam se beneficiar dos avanços científicos propiciados pelo seu campo de saber. Um dado interessante, para além dos resultados evidenciados nestas pesquisas se refere ao fato de podermos repensar como os profissionais atuantes nesta cidade estão sendo formados. Visto que como fica evidente no primeiro estudo os profissionais identificavam sua formação como deficitária para atuar no contexto escolar e nos dois estudos subsequentes, de maneira indireta se percebe essa carência na formação.

4 – OBJETIVOS

4.1 – Objetivo Geral

Entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há, no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento.

4.2 – Objetivos específicos

- identificar os aspectos positivos em sua formação;
- identificar quais as principais lacunas da graduação.
- identificar disciplinas ou atividades formativas importantes para a atuação profissional;
- identificar aspectos importantes para a atuação não contemplados pela formação.

5 – METODOLOGIA

5.1 - Método Fenomenológico na pesquisa em Psicologia

A metodologia escolhida como orientadora da coleta e análise dos dados foi à pesquisa qualitativa de referencial fenomenológico (ver apêndice 3 para esclarecimentos sobre o método a partir da perspectiva filosófica e definição de alguns termos importantes a compreensão do presente trabalho). Este método foi escolhido visto que nos pareceu o melhor método para captar a vivência do sujeito. Como aponta Forghieri (1993): “o princípio básico do método fenomenológico (introduzido por Husserl) de ‘ir às próprias coisas’, ou em outras palavras, de ir ao próprio fenômeno para desvendá-lo, tal como ‘se mostra em si mesmo’” (p. 11), foi o que nos motivou a interrogar a vivência dos egressos de Psicologia UFJF sobre sua formação, a fim de identificar os aspectos positivos e as lacunas desta.

Garnica (1997) nos traz considerações interessantes sobre a pesquisa qualitativa que nos auxiliam a pensar o modo particular de produção do conhecimento utilizando este referencial:

(...) nas abordagens qualitativas o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador (p 111).

Sendo assim, uma vez que o homem “interroga as coisas com as quais convive” (Garnica, 1997, p.111), não poderemos falar de uma neutralidade do pesquisador, visto que “ele atribui significados, seleciona o que do mundo que conhecer, interage com o conhecido e se dispõe a comunicá-lo.” (Garnica, 1997, p.111).

Holanda (2006) destaca ainda sobre esta metodologia que:

(...) qualquer esboço de definição do que é qualitativo em metodologia, ao mesmo tempo em que é considerado como um contraponto aos modelos quantificadores, representa, na verdade, um modelo que destaca ou releva certos elementos característicos da natureza humana, os quais as metodologias quantificadoras têm dificuldade de acessar (p. 364).

Acerca do “método fenomenológico” Moreira (2002) nos traz que “Husserl em nenhum momento de sua obra procurou esclarecer definitivamente o que se deveria entender por método fenomenológico e delimitar seu significado e abrangência.” (conforme citado por Moreira, 2002, p. 93). O que tem ocasionado que estes termos sejam utilizados de maneira muito variável, sendo em diferentes oportunidades tida com significados diferentes.

Ainda que os termos sejam utilizados de maneiras diferentes Moreira (2002) aponta que para a maioria dos fenomenólogos o que há de mais característico na fenomenologia é o seu método. Conforme cita Moreira (2002), Spielberg (1971) procura agrupar o que há de mais característico no método fenomenológico em sete passos sequenciais, são eles:

1. Investigação de fenômenos particulares;
2. Investigação de essências gerais;
3. Apreensão de relações fundamentais entre as essências;
4. A observação dos modos de dar-se;
5. Observação da constituição dos fenômenos na consciência;

6. Suspensão da crença na existência dos fenômenos;
7. Interpretação do sentido dos fenômenos.

Segundo este autor os três primeiros passos são aceitos unanimemente pelos fenomenólogos, o passo 6 seria a chamada redução fenomenológica (ver apêndice 3) e o 7 seria o passo básico da Fenomenologia Hermenêutica, originada da obra de Heidegger “Ser e Tempo”.

Quando o método fenomenológico é transportado para o campo da pesquisa, não podemos perder de vista que o fenômeno estudado será algum tipo de experiência vivida, comum aos diversos participantes, “com vistas a buscar a estrutura ‘essencial’ ou os elementos ‘invariantes’ do fenômeno, ou seja, seu ‘significado central’” (Creswell, 1998 conforme citado por Holanda, 2002, p. 370).

Quando se fala em método fenomenológico na pesquisa quatro autores principais podem ser apontados: Van Kaam (1959); Colaizzi (1978); Sanders (1982); Giorgi (1985) (Hycner, 1985; Moreira, 2002).

Existem muitas semelhanças tanto na estratégia de coleta de dados quanto na apresentação dos resultados na pesquisa fenomenológica, sendo assim Moreira (2002) apresenta quatro principais estratégias para a coleta de dados: entrevista, descrição escrita da experiência pelos participantes, relatos autobiográficos e a observação participante. O método de coleta de dados mais utilizado é a entrevista e geralmente se utiliza de um a dez participantes. E os resultados são descritos a partir da orientação dos participantes.

Com relação à análise de dados, a presente pesquisa irá utilizar o método Giorgi (1985), visto ser este amplamente utilizado. Os passos a serem seguidos serão os seguintes:

- a. Ler todas as descrições dos participantes, a fim de adquirir uma visão geral;
- b. Retornar às descrições com o objetivo de discriminar unidades de sentido, relevantes à pesquisa. Segundo aponta Garnica (1997). Estas unidades de sentido:

são recortes julgados significativos pelo pesquisador, dentre os vários pontos aos quais a descrição pode levá-lo. Para que as unidades significativas possam ser recortadas, o pesquisador lê os depoimentos à luz de sua interrogação, por meio da qual pretende ver o fenômeno, que é olhado de uma dentre as várias perspectivas possíveis (p. 116).

- c. Depois de delineadas as unidades de sentido o pesquisador, irá expressar o que elas contêm;

Neste processo o pesquisador apoiado nas unidades de sentido que depois de recolhidas, são transcritas para a linguagem do pesquisador, num discurso mais próprio da área na qual a pesquisa se insere. “Articulando as compreensões que resultaram dessa seleção das unidades de significado e das próprias unidades, o pesquisador trata de agrupá-las em categorias - ditas abertas - mediante reduções.” (Garnica, 1997, p.116), as categorias abertas podem ser consideradas como categorias não apriorísticas, o que quer dizer que estas se estabelecem no decorrer do trabalho de análise do material coletado.

- d. O pesquisador irá sintetizar todas as unidades de sentido, a fim de transformá-las em uma expressão consistente em relação à experiência do sujeito.

É a partir desses agrupamentos que o pesquisador passa a sua segunda fase de análise, a nomotética, quando a investigação dos individuais, feita pelo estudo e seleção das unidades de significado e posterior formação das categorias abertas, é ultrapassada pela esfera do geral (Garnica, 1997, p.117).

É através deste processo que se torna possível a convergência e divergência dos discursos a fim de que uma compreensão acerca do fenômeno estudado possa ser obtida.

5.2 – Procedimento preliminar

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa da UFJF, parecer nº 111.157. Após a aprovação do comitê, a fim de alcançar os objetivos previstos para o presente estudo, foi realizada uma etapa preliminar de identificação das áreas de atuação dos egressos de Psicologia da UFJF formados há no máximo três anos.

Inicialmente entrou-se em contato com o portal de egressos da IES a fim de solicitar a colaboração do mesmo no contato com os psicólogos. Estes aceitaram colaborar com a pesquisa, e nos meses de dezembro de 2012 há fevereiro de 2013 os estudantes formados no período 2008 há 2011 foram contatados por email que continha um link do questionário (apêndice 1) no qual era solicitado o número de matrícula;

sexo; idade; ano de ingresso e conclusão do curso e a área de atuação profissional atual (para esta lista utilizou-se a Classificação brasileira de ocupações, documento do Ministério do Trabalho, 2002) e acrescentamos a atividade de pós-graduação lato e strito sensu.

Dos 59 questionários respondido, apenas 45 destes foram considerados, uma vez que apresentavam as informações completas. Do total de questionário analisados quase a totalidade dos respondentes era do sexo feminino (44); as idades variaram entre de 23 a 29 anos. Com relação às principais ocupações referidas temos: 18 pós-graduando/as (17 strito sensu e 1 lato sensu); 7 psicólogo/as clínicos; 6 psicólogo/as sociais; 5 psicólogo/as do trabalho; 2 psicólogo/as escolares; 1 psicólogo/a hospitalar; 1 psicólogo/a da saúde; 1 psicólogo/a da jurídica; 1 psicólogo/a em interface com a justiça; 1 psicanálise; 1 referiu-se a Psicologia no geral; 1 não está trabalhando atualmente.

A partir das ocupações relatadas, entrevistamos psicólogo/as das mais variadas áreas, para as entrevistas foram excluídos os estudantes de pós-graduação, uma vez que não atendiam aos objetivos da pesquisa.

5.3 - Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por oito psicólogas, formadas pela UFJF entre os anos de 2009 a 2011. Para participarem da pesquisa as profissionais tiveram que inicialmente assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – apêndice 2), o TCLE é a de suma importância, visto que esclarece ao participante os objetivos, a duração de sua participação, os benefícios e riscos que possam advir desta participação na pesquisa, bem como a responsabilidade dos pesquisadores. O momento de assinatura do TCLE foi de grande importância, pois criou o vínculo de responsabilidade, sigilo e respeito entre a pesquisadora e as participantes com os dados a serem coletados, que no caso de nossa pesquisa foi à vivência das profissionais acerca de seu processo de formação.

A técnica de amostragem utilizada levou em consideração a diversidade de áreas apresentadas pelos egressos, bem como a disponibilidade dos mesmos em respondê-la, outros profissionais foram contatados, porém não encontraram horários disponíveis para responder à pesquisa, ou não retornaram nossos contatos, sendo assim, tivemos que fechar a amostra em oito participantes.

Todas as psicólogas entrevistadas são do sexo feminino, a maioria era solteira, sendo que apenas duas eram casadas. A idade variou de 23 a 26 anos.

A experiência na área de atuação foi seis meses a dois anos. E as ocupações foram: Psicóloga Jurídica; Psicóloga Social Comunitária/ Social Transformativa (nomenclatura referida pela psicóloga); Analista de recursos humanos (Psicologia do trabalho); Consultório particular (Clínica); Psicóloga escolar; Técnica Social na área de Psicologia; Psicóloga Hospitalar; Analista de Promotoria I Psicóloga (Psicóloga em interface com a justiça).

5.4 - Instrumentos

A fim de atingir os objetivos foi realizada entrevista semi estruturada, contendo cinco perguntas disparadoras (apêndice 3).

Como afirma Ranieri e Barreira (2010), a *entrevista fenomenológica*, por envolver a experiência vivida dos sujeitos irá possibilitar um meio para a narração dessa experiência. Sendo assim,

encoraja o entrevistado a refletir sobre sua experiência e detalhá-la o máximo possível. Para tal, no decorrer do relato, destaca-se a atenção ao conteúdo relatado por parte do pesquisador/entrevistador, direcionando a entrevista ao conteúdo buscado e para elucidar possíveis pontos obscuros durante a narrativa.” (Ranieri & Barreira, 2010, p. 4).

Como será possível perceber no relato das vivências em vários momentos a pesquisadora realiza questões a fim de elucidar alguns pontos, bem como mantém uma postura empática, e descontraída, a fim de que as participantes pudessem se sentir a vontade para expressar suas vivências e opiniões.

6. RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas em horário e local sugerido pelas entrevistadas, em geral o local escolhido foi o próprio ambiente de trabalho. Em média as entrevistas tiveram duração de 20 a 30 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Como indica Ranieri e Barreira (2010), o procedimento de gravação e posterior transcrição integral “têm como objetivo fundamental a leitura dos relatos no momento da análise, permitindo ao pesquisador, num primeiro momento, a leitura atenta sobre o conteúdo e, posteriormente, já durante a análise, tentar apreender e descrever como se manifesta o objeto investigado.” (p. 4).

Seguindo os passos anteriormente descritos para análise dos dados, todas as entrevistas foram lidas a fim de se obter uma visão geral das mesmas (a). Posteriormente foram organizadas em quatro unidades de sentido (passo b), a saber: Avaliação da formação; Disciplinas ou atividades indispensáveis à atuação; Aspectos não abordados pela graduação importantes para a prática; Sugestões para o curso de Psicologia. Segundo afirma Holanda (2002), as unidades de sentido não existem soltas, mas sim em relação à perspectiva adotado pelo pesquisador, sendo assim, como destaca Andrade (2007) “elas existem apenas em relação a atitudes e cenários do pesquisador, e, por esse motivo, o que se destaca depende muito da perspectiva do pesquisador.” (p. 35).

Nossos resultados estão organizados de maneira a apresentar o que as unidades de sentido contêm (passo c) em cada categoria, seguida do relato de cada profissional, sendo assim são apresentadas as vivências de formação de cada profissional, ao final da apresentação das vivências, há uma síntese da experiência de todas as participantes (d), como muito bem descreve Amatuzzi (2009): “Toda a análise caminha em direção a uma articulação desses eixos em um texto unificado e consistente. Esse texto corresponde ao resultado da pesquisa, ou à síntese do material concreto, mas não ainda à conclusão.” (p.99).

6.1 - Vivência do processo de formação em Psicologia

Neste tópico a vivência individual das profissionais sobre seu processo de formação em Psicologia é apresentada. Estes relatos são apresentados de maneira a que o conteúdo das falas que contribuem para a compreensão do fenômeno estudado sejam explicitados: Entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento. Identificando os aspectos positivos; lacunas deste processo de formação; disciplinas ou atividades

formativas importantes para a atuação profissional; e os aspectos importantes para a atuação não contemplados pela formação.

Suas trajetórias acadêmicas são apresentadas, uma vez que nos auxilia a entender suas posições e perspectivas, todas as profissionais serão identificadas por pseudônimos a fim de resguardar suas identidades. Estes pseudônimos estão relacionados à sua área de atuação atual.

Vivência da Psicóloga Hospitalar (P1)

Com relação à trajetória acadêmica pudemos perceber que a Psicóloga Hospitalar, direcionou toda sua formação para atuar na área da Psicologia da saúde, que é a área em que está hoje inserida. Como se vê na passagem:

Bem, logo no início da graduação eu fiz um curso por fora de Psicologia hospitalar e foi uma área que eu gostei muito, então busquei fazer tudo que pude dentro da graduação nesta área. Fiz estágio em hospital, a disciplina eletiva de Psicologia hospitalar e a minha monografia.

Com relação às atividades de pesquisa a profissional relata ter uma passagem bem rápida:

Não, tive uma rápida passagem num projeto de pesquisa do professor (nome do professor foi suprimido), ele fazia grupos com agentes de saúde pra avaliar o grau de ansiedade delas.

A psicóloga teve contato prévio com a área em que atua em curso extracurricular, estágio curricular, bem como disciplina eletiva:

Eu fiz um curso de extensão em Psicologia hospitalar, participei da liga de saúde mental que me deu oportunidade de realizar estágio no hospital, além do estágio curricular em Psicologia hospitalar, cujo foco era psicanálise. Também fiz a disciplina eletiva que ajudou a contextualizar essa área de atuação.

A profissional relata carência de conteúdos sobre abordagens diversas, ocasionado pela ênfase dada a algumas áreas específicas, o que a faz considerar a formação oferecida como mediana:

Eu senti uma certa carência de algumas abordagens teóricas dentro da Psicologia e também eu achei que a minha graduação foi muito focada em algumas áreas, como Psicologia social e Psicologia escolar. Avalio como uma formação mediana que me deu um certo panorama limitado do que é a Psicologia.

Quanto às disciplinas indispensáveis aponta as específicas para sua atuação, como saúde e hospitalar, além disso, vê a importância da disciplina de Psicologia comunitária, no que esta se aproxima da Psicologia hospitalar:

Essas disciplinas que eu falei, Psicologia da saúde e Psicologia hospitalar foram importantes. Também tivemos Psicologia comunitária que aproximou um pouco da minha área de atuação pois a Psicologia da saúde contempla o hospital e os outros níveis de atendimento em saúde, como o comunitário.

Quanto aos aspectos não abordados, a profissional se reporta novamente ao enfoque dado a alguns referenciais teóricos em detrimento de abordagens diversas:

Acho que os referenciais teóricos além da psicanálise, a fim de dar um leque maior de possibilidade de atuação e postura profissional tanto na clínica quanto nas instituições de modo geral.

Como sugestão a psicóloga hospitalar aborda mais uma vez a questão de maior diversidade de referenciais teóricos.

Mais uma vez eu bato nessa tecla, das abordagens. De variar um pouco, trazer coisas diferentes, psicólogos que falam outras línguas que não sejam apenas psicanálise ou terapia cognitivo comportamental. Outras áreas de atuação também poderiam ser melhores exploradas como a própria área hospitalar, Psicologia do trabalho, Psicologia jurídica... Temos um grande leque de possibilidades para atuar como psicólogos, e precisamos conhecê-los para que, como profissionais, possamos defender nossos espaços e realizar bons trabalhos.

Vivência da Analista de Promotoria I Psicóloga (P2)

Com relação à trajetória acadêmica desta profissional, podemos perceber que a maioria das atividades tanto de pesquisa quanto relacionadas a estágios foi na área de escolar. Como expresso na passagem:

(...) desenvolvi trabalhos em áreas diversas mais acabei me aproximando mais de um outro grupo de pesquisa que se tornou parceiro que é o PIDET programa de identificação de alunos talentosos na área de Psicologia escolar voltado pra identificação e desenvolvimento de alunos com características de dotação e talento. E nessa linha com essa proximidade coincidiu com o desenvolvimento das matérias também e eu fui caindo pro lado da Psicologia escolar, fiquei bastante tempo, fiz estagio nessa área, meu estagio foi Psicologia escolar, é onde eu fiz a maior parte das minhas pesquisas, mais acaba que embora fosse uma área que eu gostasse não acabou sendo onde eu to hoje.

A profissional ainda relata outras atividades e grupos pelos quais passou:

Assim que eu entrei logo no primeiro ano de faculdade, eu entrei pro Programa de Educação Tutorial (o Pet) Psicologia, (...) Além da área de Psicologia escolar ainda no PET, eu tive um contato com a pesquisa na área de Jung sobre arquétipos femininos, não me apaixonei por isso e na outra área que eu fiz estagio foi na área de Psicologia clinica no ultimo ano na área de TCC e um outro estagio que nem foi estagio curricular, foi estagio extra curricular eu fiz no fórum como conciliadora da área de Psicologia no fórum de Minas, la de Juiz de Fora no TJ de Minas e foi aonde eu conheci mais, a gente que não teve nada de Psicologia jurídica na faculdade, mais foi onde eu conheci mais, essa área da Psicologia em interface com a justiça (...).

Em relação ao contato prévio com a área de atuação a profissional relata não ter tido nenhum contato, visto ser uma área muito nova de atuação do psicólogo, antes habitada pelo serviço social:

Não, nada. Na verdade essa área que eu atuo como eu falei ela é muito nova, tanto que a gente tem bastantes psicólogos que entraram, quase todos formados aqui em São Paulo, mais a gente tem uma discussão muito grande, por exemplo, tipo de documento que a gente tem que elaborar e não tá enquadrado naquela normativa do CFP que fala de documentos psicológicos que a gente possa fazer, na verdade assim, se a gente der uma encaixadinha cabe, mais não é nenhum deles que não precisa. É uma área nova mesmo da Psicologia não tava habituada com (...), não tinha nenhum psicólogo trabalhando isso, até já tinha, tem a Psicologia do TJ que trabalha fazendo avaliação psicológica, avaliação das famílias dando parecer com relação a dinâmica familiar mais é uma perspectiva muito pequena, agente aqui é muito mais voltado pro coletivo, pro interesse coletivo que a gente chama de tutela coletiva, então é a avaliação de abrigo, hoje por exemplo tive que fazer avaliação de comunidade terapêutica, é

um ambiente muito novo da Psicologia ,esse de avaliação de política publica, entro não tem, não tem nada que se aproxime até agora que eu já li, a não ser as experiências praticas, mas mesmo assim são poucos os MPs que já tem o de Minas abriu agora, depois de São Paulo, no Espírito Santo tinha alguns mais a maioria não é, na verdade essa área que a gente atua é muito mais habitada pelo serviço social e agora os psicólogos estão tentando encontrar o seu espaço e demonstrar necessidade de tá aqui também, mais é uma coisa completamente nova, a formação em si não direciona em nada pra isso.

Com relação à formação a profissional diz ser complicado avaliar, uma vez que considera não ter sido uma formação ruim, sendo até muito boa, mas com muitas falhas:

Então, é complicado, assim, acho que ela não foi tão ruim assim, foi até muito boa, mas tem varias falhas e..., quando eu estava na faculdade isso foi muito mais evidente, perceber que a gente não tinha acesso a tudo, por exemplo, não ter acesso a área de Psicologia jurídica, é um problema porque é igual eu falei, o estagio que eu fiz no ultimo ano favoreceu muito pra eu passar no concurso e ta aqui hoje, porque? Porque eu aprendi um pouco, não pelo salário mínimo, mais eu aprendi um pouco dessa linguagem com o Direito, que é uma coisa totalmente nova, o Direito tem um forma de dialogo, uma forma de ver as coisas muito própria, a forma jurídica, a forma legalista, tudo que eles vão começar eles vão começar com muito de lei, de modo geral e a gente não sabe falar assim, eles falam termo técnico, termos muito, mais da área de humanas mesmo, e ai a linguagem não bate, nem tem compreensão, com o estagio na área de jurídica eu pude desenvolver esse lado, perder um pouco, por exemplo, saber como funciona o mesmo processo, enfim, e porque disso, não que eu saiba muito.

Destaca como ponto positivo a faculdade ter favorecido o senso crítico, a capacidade de poder perceber as informações que são dadas de forma cautelosa:

Então, embora a nossa formação tenha sido boa, eu acho que ela foi muito boa na perspectiva de formar, de favorecer, que a gente tenha senso critico, que é uma coisa que a gente não vem tendo em todas as universidades, cada vez mais eu vou vendo que (...) Embora na área de humanas seja até mais comum do que em outras áreas, mais a maioria das faculdades não promove esse questionamento da realidade, questionamento das situações bases e tudo mais, então eu considero que isso foi um dos aspectos mais enriquecedores pra nós, pra mim pelo menos que me formei lá, ter essa capacidade, por exemplo, de hoje entrar numa especialização e perceber que aquele professor ta enrolando, que ele não sabe o que ta dizendo, quando alguém faz uma pergunta ele dá uma volta e não responde, responde um absurdo, isso eu tenho capacidade pra perceber porque eu tive uma formação de senso critico muito boa, e embora tenha a questão pessoal e tudo mais a faculdade favoreceu tudo isso, que a gente questionasse, que a gente percebesse que nem todas as verdades são

verdades, embora por mais que a pessoa diga com toda certeza do que ela ta falando, e ai eu considero que é o que eu tenho de mais enriquecedor.

Como aspectos negativos aponta que a faculdade não amplia os olhares com relação a outras áreas de atuação, uma vez que privilegia uma formação acadêmica mais voltada à pesquisa:

(...) agora deixa a desejar nesses outros aspectos, de ampliar os nossos olhares embora já não seja mais clínico que é formação tradicional em Psicologia, a gente já não é tanto, mais puxa muito pro lado acadêmico, o lado acadêmico de pesquisa, de mestrado, e a gente cai no mercado de trabalho e vai procurar pra onde que tem espaço e os espaços estão nessas outras áreas todas, é um pouco disso.

A profissional aponta o estágio como muito importante e salienta atividades que poderiam tê-la ajudado, porém ela não realizou:

Eu acho que o estagio foi muito importante, não que ele seja diretamente relacionado no meu dia a dia, mas favoreceu essa questão do diálogo e eu acho que uma das atividades que eu não fiz seria muito enriquecedor, por exemplo, estagio na área de saúde coletiva, teria me favorecido bastante (suprimimos o nome dos professores), que era na UBS e tal. E eu lembro que a Vera (o nome citado foi alterado) fez, comentava muito sobre, lia bastante, sabia muito mais sobre o SUAS e SUS do que eu e outras pessoas que não fizeram, então eu acho que isso deveria ter facilitado, como eu não fiz agora tem que correr atrás, acho que seria uma área que tem muito a ver, o (nome do professor foi suprimido) também deu alguma eletiva que eu lembro que eu não fiz mais eu acho que teria ajudado, que falava sobre políticas públicas, no caso bem focado na área de álcool e drogas são algumas que eu me lembro, das que eu fiz mesmo eu acho que não.

A profissional vê que a formação no geral permitiu um modo de olhar o ser humano, porém ela não consegue nomear uma disciplina específica:

O conjunto da formação ele trouxe, permitiu que eu vá pra avaliar as coisas por exemplo, com um olhar da Psicologia, com avaliação da ciência digamos assim, que é complicado também a gente a discussão por que a ciência é muito lúdica no nosso caso, então acaba que é um olhar do viés que eu tenho de interpretar o ser humano, então assim, de modo geral contribui, mais disciplinas especificas acho que são essas que eu não fiz que poderiam ter contribuído.

A profissional relata que áreas como saúde pública, saúde coletiva deveriam ser obrigatórias, uma vez que por serem eletivas ela não participou e poderiam ter

contribuído para sua atuação atual, assim como podem ajudar outros estudantes a saberem o que considerar em suas atuações:

Eu acho que essa parte de saúde pública, saúde coletiva, deveria entrar na obrigatória, a gente não teve alguma coisa não lembro, não sei agora quem, falando um pouquinho sobre a história do SUS e de como que foi esse desenvolvimento, dos direito, e eu acho que isso faz um pouco de falta, principalmente considerando que hoje é uma área de trabalho muito grande que tem se expandido cada vez mais na intervenção no sistema único de assistência social e de saúde, no de assistência principalmente tem aberto muitas vagas e agente não sai preparado, a não ser que haja desde antes, em vez de graduação uma inclinação pra esse lado, a gente sabe que nem todo mundo que passa no concurso já tinha uma inclinação antes, eu por exemplo, eu fiz o concurso achando que era outra coisa, nem imaginava que eu ia ter tanto contato com saúde pública e assistência social, se eu soubesse disso ou se eu tivesse essa inclinação lá atrás eu poderia ter feito essas disciplinas, só que elas sendo facultativas não é do meu interesse principal, eu não fiz, então eu acho que essa área de saúde pública, saúde coletiva, assistência social deveria entrar na grade obrigatória, para que os alunos todos tenham pelo menos uma noção, quem não fez essas disciplinas, esses estágios não tem noção de como que funciona e do que levar em consideração pra atuar nessas áreas.

Como sugestão a psicóloga reitera a alocação na grade curricular de disciplinas relacionadas ao SUS, ao sistema de assistência social e de políticas públicas.

Uma sugestão seria essa, de seguir uma grade obrigatória matérias introdutórias relacionadas a sistema único de saúde, assistência social não como o tópico de uma disciplina, não me lembro agora aonde que a gente teve isso, mais disciplina mesmo, um semestre discutindo (SUAS), se a pessoa quiser se aprofundar ela vai pra outras eletivas que se aprofundam no assunto, mais que a noção, que a gente saia, que a gente tenha condições de modo obrigatório que todos conheçam funcionamento do sistema assistência social, sistema de saúde mais continuamente, da área de políticas públicas, porque tem sido uma área de grande, assim, que Psicologia tá aprofundando muito agora, é muito novo, e a gente precisa que os alunos tenham essa base que a gente por exemplo não teve. E só, no meu ponto de ver o que a minha atuação trouxe pra mim é que tem esta lacuna que seria minhas sugestões de melhorar.

Vivência da Psicóloga Jurídica (P3)

A psicóloga jurídica relata ter tido uma trajetória acadêmica cansativa. Uma vez que desde o início de sua faculdade tentou passar por todas as áreas oferecidas pelo curso, tanto com relação à estágios, quanto a projetos de pesquisa:

Cansativa. Fiz de um tudo, ne? De uma forma geral. Passei pela clínica; pela escola; pelo hospital; pelo Capes; quase tudo... pela organizacional. Tentei fazer estágio em todas áreas, com exceção da jurídica, foi a única que eu acho que não consegui, maior assim que eu não consegui. De uma forma geral desde o 1º, 2º período eu já estava em estágio extracurricular, NE? Tentando de alguma forma ter essa aproximação com a prática, até pra conseguir identificar o que eu gostava, ou não gostava. E fora disso, projetos de pesquisa, também, nas mais diversas áreas.

Com relação ao contato prévio com a área em que atua a profissional consegue estabelecer uma relação indireta com um projeto de pesquisa, porém não relata ter tido qualquer experiência de estágio ou matérias da grade curricular:

Talvez um projeto de pesquisa mais relacionada a violência, que é uma das temáticas que aparece no meu trabalho, mas nada muito diretamente, assim. De uma forma geral, é, nenhum estágio me mostrou algo parecido com o que eu tenho que trabalhar hoje.

A profissional avalia a formação como deficitária, principalmente no que se refere a sua atuação profissional atual, uma vez que a graduação dá ênfase a pontos específicos seguindo o que é proposto pelas DCNs com relação às ênfases que cada curso deverá adotar:

Deficitária.

POR QUE?

Eu acredito que o curso dá ênfase em pontos específicos ne, assim como é exigido, ne, que cada curso tenha as grandes áreas de abordagem no nosso caso eu acho que seria a escolar, e a social, ne, alguma coisa do tipo desenvolvimento social, mas acredito que o que foge disso a formação é muito deficitária, porque você não vê isso, nem em disciplinas, nem em possibilidades de estágio que são raras. No caso da Psicologia jurídica, por exemplo, que eu to atuando, não tem nenhuma disciplina no curso, nenhum professor no departamento que aborde o tema e estágio extracurricular só tem um, o curricular nenhum. O extracurricular tem um que é no fórum, mesmo assim a cidade inteira concorre, NE. A própria divulgação pelo menos na minha época não era tão efetiva, enfim, mas de uma forma geral eu acredito que seja muito deficitária. Não só para a área de jurídica, mas outras também que não são abordadas dentro destes dois grandes blocos do curso.

A profissional não identifica uma atividade ou disciplina específica e sim o conjunto de experiências que lhe possibilitou uma bagagem profissional, uma vez que ela percebe que nada do que tenha feito na graduação se assemelha a sua atividade profissional:

Eu acho que as experiências como um todo acabam construindo muita coisa, NE? Você ter visões diferentes, ambientes diferentes, instituições, cada instituição com suas peculiaridades, mas eu não identifico uma única assim até porque não tem nada na graduação que eu tenha feito que se assemelha ao meu trabalho atual, então eu não identifico uma, talvez lógico o conjunto de coisas que me deu uma bagagem profissional assim, mas nada específico.

Quando questionada quanto a uma matéria ou conhecimento específico a profissional aponta que se a disciplina de avaliação psicológica tivesse sido dada de maneira adequada poderia auxiliá-la em sua prática:

Se a matéria de avaliação psicológica fosse dada, até ajudaria muito, mas o conhecimento que eu tenho de avaliação psicológica foi adquirido em curso particular, então nada do próprio curso, NE, eu acho que a matéria de avaliação foi enfim, teve suas falhas, então eu não acredito que nada em específico. Para o que eu trabalho hoje não.

A psicóloga aponta que a graduação deixou de abordar todas as questões com as quais ela tem que trabalhar, relata que a temática da violência foi abordada, mas nunca de uma forma jurídica:

Todos. De uma forma geral, no meu trabalho que a gente lida com evasão escolar, com violência contra criança e adolescente, violência contra o idoso, com o manejo disso, com a Psicologia jurídica de uma forma geral. Questão de abuso sexual, problemas de ordem complexa, nenhum desses temas foi abordado na graduação. O tema violência foi abordado, mas talvez numa perspectiva mais clínica, ou mais de uma Psicologia social de uma intervenção, mas não no caso de uma abordagem jurídica, assim da Psicologia jurídica, onde você precisa, por exemplo, fazer um estudo de revelação com crianças que há a suspeita de abuso sexual. Então quando me falaram a primeira vez no meu trabalho em estudo de revelação, eu nem sabia o que que era, NE? Eu tive que estudar por fora e comprar uma pilha de livros para ler, porque não é algo assim que sequer foi comentado durante os cinco anos de curso. Então é realmente bem deficitário para minha área hoje. Eu acredito, por exemplo, que em casos, tipo o da clínica, uma pessoa que seguiu para a clínica o curso te dá um embasamento melhor, NE? Até pelas próprias disciplinas, eu acredito que você sai da graduação pelo menos assim, sem fazer nenhuma grande bobagem na clínica, você sai com uma base teórica e prática razoável. Até porque tem

estágio curricular, NE? Dentro dessa área, dependendo da abordagem, mas dentro da jurídica não tem nada.

A psicóloga sugere que a graduação seja generalista na prática, que aborde minimamente várias disciplinas ligadas ao mundo profissional a fim de que o recém-graduado possa ao menos ter uma bibliografia mínima para utilizar nas áreas em que poderá atuar:

Eu acredito que os cursos deveriam ser mais generalistas, de uma forma geral, por mais que se tenha esse discurso de que a graduação é generalista, eu não consigo enxergar isso na prática. Porque cada curso que você conhece uma pessoa, você conhece minimamente, você sabe que ele tem um viés mais voltado para uma área a despeito de outra, NE? No caso da federal onde eu formei, eu acho que não é trabalhada a questão de várias disciplinas que estão sim ligadas ao mundo profissional do psicólogo, NE? Que são sim possibilidades de atuação e que a pessoa forma, entra no mercado de trabalho, sem sequer saber o mínimo a respeito da área, NE? Eu acho que uma, onde as faculdades abordem pelo menos um pouco de tudo, pelo menos para te dar notícia de que aquilo existe, NE? E te dar uma referência bibliográfica mínima. Uma disciplina que seja, já te dá uma base para você saber pelo menos onde procurar informação, NE? No caso de algumas áreas especificamente, o da Psicologia jurídica, nem isso a gente tem, nem por onde começar, NE? Que livro é bom, que livro não é, que abordagem existem, eu acho que isso é o mínimo que uma pessoa tem que sair da graduação sabendo, pra que aí pelas próprias pernas ela consiga correr atrás das informações específicas que possam precisar na atuação dele enquanto profissional.

Vivência da Psicóloga Social (P4)

A psicóloga relata ter tido experiência em grupos de pesquisa na área de social de direita, além de realizar estágios na área de hospitalar, organizacional, escolar e comunitária. Além de estágios em terapia em cognitiva e hipnose em cursos extracurriculares.

Fiz muita pesquisa. Social de direita, NE? Porque agora eu to numa social de esquerda, NE? Eu fiz muita clínica, NE? Tudo de terapia breve, NE? Cognitiva comportamental. Fiz mais no curso, NE? Não fiz estágio na clínica cognitiva não. Deixa eu lembrar... Fiz muita hipnose, fiz também, RS. Acho que é isso, NE? Fiz estágio no grupo lúdico da DIP (hospitalar), sabe? Fiz na Apsi (organizacional). Como estágio curricular, eu fiz (nome da professora foi suprimido) Escolar e em Comunitária, com (nomes das professoras foram suprimidos).

A psicóloga relata que em sentido prático ela consegue utilizar o conhecimento adquirido com grupos como intervenção, porém reconhece a diferença de foco, em sua prática anterior era o da Psicologia comunitário e atualmente o da assistência social.

Não, assim, é parecida em um sentido, mas assim em outros não. No sentido, assim, prático tudo bem, eu fazia um grupo com crianças de baixa renda, NE? De uma unidade básica de saúde, NE? Mas assim em sentido... mas era uma Psicologia comunitária voltada para a saúde pública, NE? Mas agora a Psicologia comunitária que eu faço é voltada para a assistência social, NE? É diferente. Eu nem conhecia, fui conhecer quando eu fiz concurso de Belo Horizonte, que aí eu estudei aquilo pela primeira vez. Eu me preparei para trabalhar no SUAS quando eu fiz o concurso de Belo Horizonte, foi o meu preparo assim, inicial. Lógico que assim, a gente tem aquele arcabouço do que é ser psicólogo, mas assim, a aplicação em si, eu precisei de muita coisa fora da faculdade, sabe?

A psicóloga relata avaliar sua formação de maneira muito positiva enquanto estava na faculdade, porém atualmente se questiona até que ponto é aplicável, visto distancia que há entre a Psicologia ensinada e a sociedade.

Eu avaliava muito bem, quando eu tava na graduação, NE?. Mas assim, ultimamente, ela é muito boa, mas até que ponto ela é aplicável. Porque eu acho que o psicólogo hoje em dia, ele tá muito, existe uma dissonância a Psicologia e a sociedade. A Psicologia aplicada às políticas públicas. A Psicologia, assim, questionando a sociedade, sabe? Eu acho que existe muita Psicologia, a gente até NE? Não sei NE?... É muito a minha opinião, assim... Uma Psicologia de laboratório, sabe? Mas quando você vai sair, você não sabe aplicar... É muito diferente... Mas eu acho que eu levei esse baque maior, porque eu entrei numa área muito nova.

A profissional aponta o pensamento foucaultiano, uma vez que este abre mão das coisas instituídas.

Não fundamental, mas assim, que eu utilizo muito, olha só, completamente diferente da minha linha inteira na faculdade... A minha base de pensamento é do Foucault, NE? Com essa coisa assim, mas assim, de esquerda mesmo, abrindo mão dessas coisas instituídas. MAS ASSIM, VOCÊ APRENDEU ISSO NA FACULDADE? É. Isso para mim é muito importante para o que eu faço hoje, sabe? Análise institucional...

A profissional afirma que com relação à graduação muitos aspectos importantes não foram abordados, visto que hoje sente a necessidade de um diálogo grande com a sociedade que não foi estimulado na graduação, sente a necessidade de outra identidade que não seja a do terapeuta.

A faculdade? Muito. Porque é, eu até converso com outros profissionais que eu tenho contato, assim, é a Psicologia, pelo menos a Psicologia lá ela não dialoga com a sociedade, e assim, e ainda mais um profissional que na minha área, NE? Trabalha num sistema de garantia de direitos, NE? Ele requer um psicólogo com outra identidade. Porque assim, um psicólogo que trabalhe no SUAS, ele não é terapeuta, porque a identidade do psicólogo não é de terapeuta?, assim, não é. Pelo menos para mim sempre foi, aquela imagem de terapeuta, e no SUAS não se faz psicoterapia. Lá no SUAS requer uma posição diferente do psicólogo. O psicólogo ativista, que mobiliza movimentos sociais, de umas coisas mais assim, muito diferentes. E assim, nada disso a gente viu, eu tive contato na faculdade não.

Como sugestões para o curso de graduação a profissional levanta a questão de a faculdade discutir os problemas sociais atuais, uma Psicologia engajada socialmente a fim de que esse profissional possa garantir direitos da população que atenda. Relata que enquanto discente não se interessava pela questão de uma Psicologia engajada.

Para mim a faculdade de Psicologia deveria assim, ter mais de uma matéria querendo discutir a Psicologia e a sociedade, os problemas atuais da sociedade. Porque a Psicologia comunitária que nasceu na América Latina, NE, assim, ela discute a sociedade, ela discute os problemas da América Latina, NE? Das pessoas pobres, e eu percebi que na... eu não entendi isso na faculdade. A Psicologia comunitária ela tinha que dialogar com as necessidades sociais dessa população, que sofre na América Latina, sabe? Para gerar coisas boas para elas, tipo assim, eu faço uma intervenção, porque... você entendeu mais ou menos... não to sabendo explicar, mais assim... É uma Psicologia social comunitária que é muito ligada a sociedade... Eu tenho que saber dos problemas políticos, eu tenho que saber mais do meio, sabe? Eu tenho que estar na sociedade ativa, como aquela que garante direitos, é isso que exige de mim no SUAS.

E VOCÊ ACHA QUE A FACULDADE NÃO ABORDOU ESTE ASPECTO?

Não, e eu me interessava muito pouco por isso, assim... Até o pessoal que tinha essas ideias mais políticas, era o pessoal, do Ca... aquele negócio... aqueles meninos que ficavam lá... essas coisas do... capsí... não sei se era capsí que chamava... os meninos que eram mais assim, lutavam pelo negócio das passagens... essas coisas mais assim, sabe? DCE, é DCE, rs... Enfim, não sei se eu to me explicando direito. Não sei se eu to conseguindo passar... UMA

PSICOLOGIA MAIS ENGAJADA SOCIALMENTE... É isso mesmo... porque a Psicologia hoje em dia ta perdendo muito lugar. O conselho, eu acho, deixa muito a desejar... Ele não dá apoio para o psicólogo... Quanto às outras profissões, os conselhos são muito ativos, tenta garantir lugar, garantir espaço para o profissional, NE? Eu acho que assim, o psicólogo ta sendo jogado nos lugares...

Vivência da Analista de Recursos Humanos (P5)

A profissional relata ter participado de grupos de pesquisa nas áreas de gestante e consumo de álcool e Jung. Trabalhou com psicometria e a Teoria de resposta ao item (TRI), após sair deste grupo de trabalho a profissional participou do PET (Programa de Educação Tutorial), concomitante a esta experiência fez parte da Apsi (empresa Júnior de Psicologia Organizacional). Fez estágio extracurricular em uma empresa como assistente de RH, logo após se formar foi promovida a analista de RH. Em relação aos estágios obrigatórios, realizou-os em avaliação psicológica e Terapia Cognitiva.

Deixa eu ver se eu lembro. A gente entrou na faculdade em 2007. Logo no iniciozinho eu comecei a trabalhar no gesta álcool, que era um levantamento de gestante que estavam no período do puerpério, era um levantamento assim, para saber se elas faziam ou não o uso de álcool, eles falam muito daquela síndrome de álcool..., que depois que a criança nasce ela tem alguns problemas principalmente psicomotores. (...) Aí eu fiquei no gesta um ano, saí do gesta... deixa eu pensar um pouquinho... fiquei um tempinho no treino de pesquisa do (nome do professor foi suprimido), que foi para a parte de Jung que era uma parte que eu me identificava bastante, só que aí o tempo foi passando, aí foi enrolando, aí eu comecei a ficar só na parte de estatística da pesquisa como um todo (...) logo depois eu fui para o Caed para trabalhar com psicometria, principalmente para trabalhar com a TRI, teoria de resposta ao item (...) Aí depois de um ano eu sai do Caed, e logo depois eu entrei no PET (...) Aí eu fiquei dois anos no PET na área de ensino, desenvolvendo principalmente atividades acadêmicas para os alunos de Psicologia, mas a gente também tinha as atividades culturais, de pesquisa e todos os outros aspectos que o PET envolvia. No iniciozinho eu acho que de... no final de 2010 eu entrei na Apsi, fiquei lá um ano também, eu era da qualidade, NE, fui... agora eu esqueci o nome de como é que eles falam, assim que você entra é assessora da qualidade, sei lá, depois diretora da qualidade. E logo depois eu entrei para cá em março de 2011, fiquei como estagiária temporária, aí as meninas gostaram de mim aí eu fiquei por mais dois meses e coincidiu que no final do quarto mês, uma menina ter passado no concurso público, aí eles me colocaram como assistente de RH, e logo depois eu fui promovida para analista e to aqui até hoje. E COM RELAÇÃO AOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS? Há esqueci isso... Bom, eu fiz o primeiro estágio eu fiz com o (nome do professor foi suprimido), em avaliação

psicológica, que é realmente a área que eu mais gosto até hoje e no último estágio eu fiz com o (nome do professor foi suprimido) de TCC que eu não me identifiquei muito assim, não pela TCC, mas pela clínica.

A profissional relata ter sido estagiária da empresa que atualmente integra e participado da Apsi.

No iniciozinho eu acho que de... no final de 2010 eu entrei na Apsi, fiquei lá um ano também, eu era da qualidade, NE, fui... agora eu esqueci o nome de como é que eles falam, assim que você entra é assessora da qualidade, sei lá, depois diretora da qualidade. E logo depois eu entrei para cá em março de 2011, fiquei como estagiária temporária, aí as meninas gostaram de mim aí eu fiquei por mais dois meses e coincidiu que no final do quarto mês, uma menina ter passado no concurso público, aí eles me colocaram como assistente de RH, e logo depois eu fui promovida para analista e to aqui até hoje.

A profissional avalia sua formação a partir de sua atitude enquanto aluna de graduação, atitude esta de imaturidade, visto que ela percebe que poderia ter aproveitado mais o que a universidade oferecia.

Eu acho que podia ter feito muito mais, com a maturidade que eu tenho, mas eu acho que na época eu não tinha a maturidade, suficiente para escolher para onde ir. É muito fácil a gente olhar um pouquinho para trás e ver que nossa eu podia ter feito isso, podia ter feito aquilo, mas na hora são tantas opções que você fica um pouquinho perdido. Eu acho que eu podia ter ficado um pouquinho mais, começado, trabalhado, por exemplo, numa clínica do Detran, para mexer com avaliação. Podia ter feito outros estágios que eu não fiz, podia ter entrado na Apsi mais cedo e eu não entrei, então se eu tivesse entrado na Apsi mais cedo, eu teria contato com a minha área mais cedo, talvez hoje eu teria mais experiência mais, não tem como a gente mudar, questão de maturidade mesmo que com o tempo a gente aprende a aceitar as coisas que a gente fez.

A fim de complementar a visão de formação foi realizada a pergunta: VOCÊ ACHA QUE A SUA FORMAÇÃO FOI SUFICIENTE PARA O QUE VOCÊ FAZ HOJE?

A profissional relata que teve formação suficiente para realizar a atividade que exerce atualmente, porém reconhece que algumas matérias poderiam ser mais bem exploradas. Percebe falhas em sua formação com relação à matéria de desenvolvimento, devido ao método de avaliação da professora, a qual exigia que se decorassem os conteúdos. Além de não ter sido oferecido conhecimentos que em sua percepção eram importantes.

Para o que eu faço hoje sim, mas eu queira um pouquinho mais, eu queria ser um pouquinho mais especializada, eu queria ter feito alguns cursos, mesmo que fosse um curso instrumental de inglês, de francês, de espanhol, a universidade dava abertura para isso, só que na época eu não queria, eu acho que por exemplo, em avaliação psicológica a universidade em si peca muito, não é que o (nome do professor foi suprimido) não saiba passar, eu acho que ele sabe passar, e a prova disso foi até o estágio com ele, toda vez que eu perguntava, que eu queria saber, num local que não fosse durante o grupo e tal, ele me ensinava bastante, mas em sala de aula, a gente teve duas matérias para mexer com teste psicológico, e gente viu HTP e Rorschach praticamente, que não são áreas hoje que me interessam, ficou faltando talvez um teste de atenção, não sei assim... acho que podia ser um pouquinho mais aprofundada e não foi...

COM RELAÇÃO AOS TESTES QUE É O QUE VOCÊ PRECISA HOJE?

É o que eu preciso hoje, mas também eu sinto algumas falhas na formação, como por exemplo, desenvolvimento, peguei o livro de desenvolvimento para ler, como eu decorei muita coisa na época, porque a (nome da professora foi suprimido) exigia que gente decorasse, hoje eu não lembro mais, então hoje eu to tendo que rever, reler, fazer tudo nos mínimos detalhes, para ver se eu aprendo ao invés de decorar, eu acho que teve falhas assim, a universidade deixou de oferecer algumas coisas que eram importantes.

Como conhecimentos indispensáveis à prática a profissional relata que a história da Psicologia foi muito importante para que ela compreendesse o desenvolvimento dos testes. A experiência de estágio na Apsi, e o estágio em no Caed e em avaliação psicológica.

Na parte, por exemplo, de avaliação, eu acho que história da Psicologia foi essencial até para você compreender um pouquinho do desenvolvimento dos testes, porque que eles são assim hoje, aprender um pouquinho de tudo. NE, porque começou lá com Wundt e tal, é a Apsi foi essencial, mas não seria uma matéria, seria uma empresa júnior na verdade, foi essencial, e o meu estágio no Caed também foi essencial. Assim como o meu estágio com o (nome do professor foi suprimido), também ajudou bastante, então assim, eu acho que foi um pouquinho de tudo assim.

A profissional relata que para sua prática foi oferecido um conhecimento superficial, que decorreu de professores que não eram bons e acabaram comprometendo a sequência de aprendizado. Relata que tem estudado para concursos e percebe que conhecimentos como Psicologia hospitalar e institucional não foram aprendidos.

Não para a minha prática atual, mas como eu tenho estudado para alguns concursos, eu vejo que hospitalar a gente não aprendeu nada, a gente não aprendeu institucional, organizacional, se você para pensar a área que atuo

hoje a gente não aprendeu na faculdade. Então a gente aprendeu muito pouco, e o que gente aprendeu na verdade foi muito superficial, é coisa que você pega um livro e você consegue ler, eu acho que faltou bastante, quando começou lá com aquela moça doida, como é que ela chamava?... (nome da professora foi suprimido). Não era a (nome da professora foi suprimido) não, era (nome da professora foi suprimido). Então já era para ter começado bem ali, era só pra (nome da professora foi suprimido) vir aprofundando e a (nome da professora foi suprimido) foi muito superficial, não foi algo legal de aprender, o que eu aprendi mesmo eu aprendi na Apsi e depois aqui, batendo cabeça mesmo, eu não aprendi isso na faculdade, sabe? ENTÃO VOCÊ ACHA QUE ELA DEIXOU DE ABORDAR ALGUMAS COISAS? Todas as duas, é porque é uma sequencia que a gente entende que a partir do momento que um começou errado, o outro se perde, foi assim várias vezes, NE?

A profissional sugere, em tom de brincadeira, melhores professores, porém reforça esta fala ao indicar que a grande falha está em alguns professores. Quando questionada se a questão residia nos professores, ela indica que a questão está em orientar melhor os alunos no início do curso para que assim possam aproveitar melhor sua formação. Aponta a necessidade de inserção de conhecimentos relacionados à Psicologia jurídica e saúde, entre outras. Além da inversão de alguns conteúdos na grade, como por exemplo, estatística, que na opinião da psicóloga deveria ser dada mais no meio do curso para que o aluno entendo o porque de estudá-la.

Melhores professores, RS... Não sei, talvez colocar algumas matérias específicas, talvez... A estagiária que trabalha aqui com a gente ela é do CES, eles têm estágio obrigatório dentro da... aquela vara que tem ali no Calçadão, para a parte de institucional, de Psicologia jurídica como um todo, eles fazem estágio dentro do tribunal, de Psicologia jurídica, isso é super legal, eles têm matéria de Psicologia jurídica, então assim a gente não teve nada disso. A gente não teve um monte de coisas que agora eu não to lembrando, mas que eu depois eu fiquei assim, nossa, que legal, a gente nunca vai ter isso mesmo. Psicanálise, para mim, foi muito fraco, só começou a melhorar quando a (nome da professora foi suprimido) foi dar aula sabe, (...) Então assim, eu acho de verdade que a base da graduação tinha que ser modificada, de uma forma, por exemplo, jogar estatística um pouquinho mais para o meio do curso pra pessoa entender porque ela tá estudando estatística, ali para desenvolver pesquisa, talvez colocar bons professores, os melhores professores que tiverem no início, justamente porque os alunos precisam aprender o início para desenrolar o resto, eles precisam ter uma base, e eu acho que a base da federal em algumas matérias deixou a desejar, mas em outras foi muito bom, (...) Então cheio de professores bons, a (nome da professora foi suprimido) no iniciozinho, a (nome da professora foi suprimido) é boa, sabe, então assim, é a questão dos professores da universidade. Por exemplo, saúde a gente não tem uma matéria para a área de saúde, assim. De uma maneira geral, o (nome do professor foi

suprimido) coloca os mestrandos dele para dar aula, sabe. Eu acho que a falha principal pra mim, são os professores, não todos...

VOCÊ ACHA QUE A GRADE CURRICULAR ESTÁ ADEQUADA?

Eu acho que algumas coisas tinham que ser invertida, por exemplo, como eu já falei, estatística tinha que ser jogada mais para o final do curso, sabe. Anatomia tá no lugar certo... Então, eu acho que da ideia que eu tenho, o resto tá certinho. Faltam algumas coisas, igual eu falei, jurídica, falta saúde, falta... mas eu acho que eu não trocaria até porque eu acho que fui bem assim... Eu aprendi pelo menos algumas coisas.

ENTÃO VOCÊ ACHA QUE É UMA QUESTÃO DE PROFESSORES, DO QUE NECESSARIAMENTE UMA...

Eu acho que é uma questão de orientação como um todo, se o aluno chegar... depois mudou um pouquinho, NE? Eles começaram a fazer a semana do calouro, para apresentação. Só que a gente também não pegou isso, então a gente ficou meio perdido naquele tanto de coisa. Ai colocam os professores bons, que te dão uma base no início, aí talvez, as pessoas comecem a aproveitar a graduação de uma maneira melhor assim, sem tá tão perdido, sem tá atirando para tudo e qualquer lado, já consiga se orientar um pouquinho melhor, eu acho que para mim o que faltou foi essa orientação, saber para onde ir, em que momento ir, sabe.

Vivência da Psicóloga Clínica (P6)

A psicóloga relata ter participado de pesquisa na área de alfabetização, ter realizado estágio curricular em Psicologia Escolar e Terapia Cognitiva Comportamental, como estágio extracurricular participou da Apsi, além de participar como bolsista de um projeto de atendimento à queixa escolar.

Bom, os primeiros semestres eu fiquei voltada só mesmo pras disciplinas, porque eu trabalhava porque era complicado conciliar. Não fiz estágios no início. Quando eu tava no quinto período, aí eu fiz (treino) de pesquisa voltado pra área de alfabetização, aí eu fiquei 2 semestres. Aí começaram os estágios. Aí eu fiz o estágio de Psicologia Escolar, numa escola municipal, onde eu trabalhava com as crianças, com os professores, com a comunidade, numa ótica, assim, preventiva, não era só remediar os problemas que a gente já tinha. Depois disso eu fiz o estágio em Psicologia Clínica, com ênfase na Terapia Cognitivo Comportamental e, ao mesmo tempo, eu fazia, eu era bolsista de um projeto de atendimento a queixa escolar, no CPA, e era estagiária na APSI, que é uma empresa júnior em Psicologia Organizacional. É... já mais pro final, eu passei fiz a seleção pro mestrado, já tava também voltada pro projeto e comecei também a me interessar pela área acadêmica. É, acho que é isso.

A profissional relata ter tido contato tanto no estágio em TCC quanto no projeto SEAPE, no qual era bolsista.

Sim, tanto no estágio em Terapia Cognitivo Comportamental, quanto no estágio no projeto SEAPE, que era onde eu era bolsista, eu utilizava técnicas da (TCC), trabalhava com esse tipo de abordagem. O meu último semestre de faculdade, no meu último ano, né? No último ano eu tive contato com a forma de trabalho que eu utilizo hoje, além das matérias, das disciplinas que eu cursei também durante a faculdade.

A profissional aponta muitos aspectos positivos na formação que recebeu, percebe que consegue caminhar com os conhecimentos que lhe foram repassados, porém aponta algumas dificuldades relacionadas a matérias que não foram oferecidas por falta de professores, além da qualidade de alguns professores, que em certos momentos deixaram a desejar.

Olha, ela é uma formação com muitos pontos positivos, né? Eu encontrei aquilo que eu tinha afinidade, mas a gente encontra também muitas dificuldades. Matérias que eu queria cursar e que não foram oferecidas, porque não tinha professor, em alguns momentos tivemos professores substitutos que não tinham o mesmo nível que professores que já estão, né? Com a carreira mais estabelecida. Algumas matérias deixaram muito a desejar, porque o professor realmente não tinha, é..., não tinha mesmo competência pra passar aquilo ou não tinha competência, de alguma forma não conseguiu transmitir pra gente. E... em alguns momentos também, até professores que são do Departamento, que são efetivos, deixavam mesmo algumas matérias a desejar. Talvez por dar alguma matéria que não tinha tanta afinidade, porque é um departamento com poucos professores, né? No caso, a gente cobra do professor, mas a gente vê que ele tá dando uma matéria que não era, não é aquilo que ele estudou, não é aquilo que ele se dedicou mais. Então, é muito complicado. Algumas matérias realmente deixavam a desejar. Mas, no geral, assim, eu encontro suporte na minha prática hoje com aquilo que a faculdade me trouxe. Comparando com pessoas que eu conheço, de outras faculdades, de outros cursos, eu vejo que elas não tiveram contribuições da faculdade que hoje eu tive e que me ajudam muito na prática, né? Então, apesar de você formar e ter que buscar uma coisa por fora, de forma geral o caminho, a semente meio que foi lançada ali e eu consigo caminhar, assim, muito com a formação que eu tive.

A profissional aponta as disciplinas de psicopatologia, teoria e técnicas psicoterápicas e Psicologia escolar, visto que atende muitas crianças, ressalta o senso crítico proporcionado por essas matérias, além disso, destaca a importância da supervisão de estágio.

Ah, com certeza, a parte de Psicopatologia, com certeza é uma área que, é uma parte que hoje eu uso bastante, a parte de Teorias e Técnicas (Psicoterápicas) também me auxiliou bastante. As disciplinas de Psicologia Escolar, como eu atendo crianças, e desenvolvimento humano, hoje eu utilizo muito da fundamentação teórica que recebi pra minha prática, ne? Então são matérias que, assim, sem elas, sem o senso crítico também que eu vejo que essas disciplinas me levaram a ter, a fundamentação, os materiais que me foram repassados e o estágio, ne? Porque eu que... a parte da supervisão de estágios, dos casos que eu comecei a ter contato durante a faculdade, que eu fui construindo aquilo que eu hoje eu trago pra minha prática.

A profissional aponta para a necessidade de aprofundamento em determinadas matérias, mas deixa claro que teve uma base de conhecimentos. E justifica este fato na necessidade de se estudar as diversas áreas.

Deixar de abordar não. Creio que eu poderia ter tido, é..., por exemplo, a parte de, é..., de Teorias e Técnicas, por exemplo. Talvez pudesse ter uma matéria a mais, talvez pudesse ter passado isso no início, que é uma matéria que vem no último ano, ne? Então, eu não acho que me faltou ter, eu tive a base, mas poderia ser um pouco mais aprofundada. Mas, como temos outras áreas pra estudar, então isso fica um pouco justificado também.

A profissional deixa claro que há a necessidade de contratação de mais professores, pois quando pensa no que poderia ter tido, vê que somente com um quadro maior de professores.

Pra mim, o grande problema é o número de professores, ne? Temos que ter mais professores. Igual, outro dia eu tava vendo, pra UFMG, eles estavam contratando professor de Terapia Cognitivo Comportamental com crianças. Aqui a gente demorou ter um pra geral, a gente não tinha nem isso. Então pra mim, pro curso melhorar, a gente precisa ter um quadro maior de professores, ne? Porque eu, quando fiz faculdade, era ainda pior do que é hoje. Hoje eu vi que entraram professores novos e com isso a gente pode ter mais matérias, ne? Agora dentro daquilo que eu penso que poderia ter tido a mais só tendo mais professores mesmo. Com o quadro que a gente tem hoje, com os professores que eu conheço que estão lá, fica muito complicado pra melhorar. Mas é um curso bom. Perto do que... comparando, ne? Com outros cursos, não é um curso que deixa tanto a desejar não. É um curso satisfatório.

Vivência Psicóloga Escolar (P7)

A profissional aponta que teve sua formação voltada para a área de saúde, em projetos de follow up, além de estágios extracurriculares em hospitais, como João Penido e HU, e na área de saúde coletiva. Teve contato como bolsista da área Psicologia Comunitária. Realizou seus estágios extracurriculares em Psicologia Hospitalar e avaliação Psicológica.

Bom, a minha trajetória foi bem voltada para a área da saúde. Então eu trabalhei desde projetos de follow up, no caso o HU, de acompanhamentos de lactentes de alto risco, ne? A maioria prematuros. E fiz estágio em vários hospitais municipais, ne? João Penido, HU. E a área de saúde coletiva também. Eu fui bolsista de um projeto de extensão de Psicologia Comunitária, ne? Esse do Olavo Costa. Então assim, a minha trajetória mesmo acadêmica foi voltada para a área da saúde.

VOCÊ PARTICIPOU DE ALGUM PROJETO DE PESQUISA?

Não, não, não. Foi só os projetos de extensão mesmo. Foi o do HU CAS e o da Psicologia Comunitária, um projeto de extensão.

E OS SEUS ESTÁGIOS CURRICULARES?

Foram na área de Psicologia Hospitalar e (avaliação) psicológica. É, foi Psicologia Hospitalar e (avaliação) psicológica.

A profissional teve contato com a área de Psicologia Escolar somente pelas disciplinas oferecidas pela graduação, visto que voltou sua formação para a área da saúde.

Não tive contato. Não tive realmente, na graduação só mesmo as disciplinas. Não tive nenhuma afinidade durante a graduação com o trabalho hoje, ne? Então, assim, o que eu consegui depois de aperfeiçoamento foi posterior à faculdade, que foi com Supervisão, ne? Com um profissional da área de educação e, principalmente, voltado pra educação especial, cursos de capacitações, essas coisas. Agora eu to fazendo a pós em Educação Especial.

AGORA, DEPOIS DE COMEÇAR A TRABALHAR NO CAMPO É QUE VOCÊ ESTÁ PROCURANDO SE APERFEIÇOAR?

Isso, porque, na verdade, eu retornei pra (nome da cidade foi suprimido) com intenção de trabalhar e a área que me foi, ne? Minha primeira oportunidade de trabalho foi nessa área de educação especial. Então, assim, foi um... por mais que eu tivesse afinidade com na área da saúde, eu não tive essa oportunidade aqui. Mas, me envolvi completamente. Assim, então foi a partir da prática, da

experiência, mas eu realmente me envolvi com a área de educação. Então, continuei nela e to procurando me aperfeiçoar nessa área.

A profissional avalia de maneira positiva sua formação no que se refere à área da saúde, e consegue aproveitar muitos destes conhecimentos em sua prática atual com crianças com necessidades especiais. Porém credita o mérito à responsabilidade de cada aluno nas escolhas que faz de sua formação.

Então, eu avalio assim. A formação na Universidade Federal foi boa, mas, assim, eu dou mais mérito também aos alunos. Assim, porque às vezes assim... lógico, tivemos excelentes professores, mas eu sinto muito essa questão da responsabilidade pessoal, de você trilhar realmente as suas escolhas, você dedicar mais tempo ou não, ne? Então, assim, eu apesar de eu ter me dedicado muito especificamente em uma área, que foi a da saúde, eu me arrependo depois de não ter passado por diversas áreas, ter tido contato com as diversas áreas, que me fez falta depois na hora da atuação mesmo, profissional. Mas, dentro daquilo que eu tinha estabelecido para mim, eu avalio como uma boa formação. Ne? Não tive a felicidade, a princípio, de trabalhar na área escolhida por mim durante a faculdade. Então talvez eu me restringi um pouco, ne? durante a faculdade. Mas, não me arrependo porque eu aproveitei bastante e o contexto da área de saúde faz um link muito bom com a área de educação especial. Então, todo o trabalho que eu fiz tanto no HU CAS, quanto no acompanhamento de alto risco, eu comecei a ter contato direto com as famílias de crianças que provavelmente vão ter, apresentar algum problema, alguma necessidade especial, muitos com paralisia, problemas no desenvolvimento. Então, de certa forma, eu consigo relacionar toda a minha prática com a minha formação. As coisas que eu escolhi durante a faculdade, eu consigo também aproveitar a atuação profissional agora na educação. Eu acho assim, que foi válido o trabalho com pais, eu utilizo muito na minha prática. (O trabalho lá no CAS que a gente fazia, trabalho duplo com os pais). Então, assim, me deu subsídio também para minha atuação agora.

A psicóloga aponta as disciplinas de desenvolvimento humano, Psicologia escolar e Psicologia do excepcional. Além disso, destaca a importância dos estágios no aprimoramento de sua escuta.

Sim, todas da parte do desenvolvimento humano, ne? Que a gente estuda. A Psicologia Escolar também, ne? As disciplinas, vamos ver as disciplinas, a Psicologia do excepcional, ne? A Psicologia do excepcional também foi fundamental. Mas, eu consigo perceber muito na área da saúde. Tanto nos atendimentos clínicos, que eu fiz aqui no João Penido, me deu uma escuta melhor, me deu uma sensibilidade, aprimorou a sensibilidade, na escuta pros atendimentos. Mas, o HU CAS foi fundamental. Foi o primeiro contato já logo com os lactentes. Eu comecei a ter uma percepção mesmo de trabalhar com a prevenção. Se eu descubro no iníciozinho, uma possível dificuldade que a

criança possa ter, eu trabalho com prevenção. Isso hoje em dia é muito difícil na nossa realidade, mas é o que eu busco, ne? É pra fazer estimulação essencial, pegar essas crianças que tem um alto índice de probabilidade de vir a ter uma complicação por conta da gestação, tudo, no pós-natal, e trabalhar com essas famílias logo no início. Não depois que já tem o diagnóstico fechado. Aí a gente percebe aqui que a aceitação, a dedicação ao aplicar o tratamento é muito maior, quando você consegue pegar no início mesmo da vida da criança. E a questão da prevenção. Então, você minimiza muito a dificuldade, que essas crianças vão ter na vida adulta.

A profissional relata que em se tratando de necessidades especiais, o conteúdo foi superficial, sendo que a questão da inclusão escolar, segundo a profissional se recorda sequer foi questionado.

Pra minha prática, eu acho assim, especificamente as necessidades especiais, uma disciplina é muito pouco, ne? Porque assim, fico tudo muito não diria corrido, mas mais superficial. Então assim, é claro, ne? Na prática a gente vai aprimorar e vai tentar aprofundar em cada particularidade da criança. Mas, eu diria assim, pra quem vai se dedicar a educação especial, a gente praticamente teve uma só uma breve iniciativa, uma breve... foi muito breve. Eu acho assim, a realidade, as especificações de cada caso são muito mais complexas do que aqueles que a gente viu lá. Então assim, eu diria que se começar a pensar mais, até mesmo na questão da inclusão, ne? Eu diria também que pro problema da inclusão, também é praticamente uma coisa que não vimos na faculdade. A inclusão. E, hoje em dia, a gente tá aí, ne? Então, por ela, é um questão super atual, mas que, durante a faculdade, eu não me recordo de ter sido questionado, trabalhado. Então assim, eu acho que algumas questões também não foram discutidas não, trabalhadas não. Principalmente a inclusão.

Como sugestão a profissional destaca a necessidade de incentivar os acadêmicos a passar pelas diversas áreas, visto que muitas vezes o acadêmico pode não ter a noção desta importância. Relacionado especificamente à área de necessidades especiais, a profissional aponta para uma maior necessidade de se discutir a inclusão social e a inclusão escolar.

Bom, eu acho que seria interessante incentivar mais os acadêmicos a passar pelas diversas áreas. Porque em algumas outras universidades, tem isso assim, de ser meio que obrigatório. Não sei como está isso agora na federal. Mas assim, é realmente muito importante. Às vezes a gente não tem noção disso, então tá fazendo o curso porque você realmente... às vezes você tem uma afinidade grande com uma área e você deixa de ter contato com as outras. Eu acho que assim, no incentivo realmente. Não sei na obrigatoriedade. Mas, no incentivo, você passar pelas diversas áreas, você ter realmente, ne? Lá na prática de estágio, de... seja isso mesmo pros alunos, eu acho que seria

realmente muito importante. Porque nem sempre o mercado de trabalho que vai adequar aquilo que a gente escolheu, ne? Foi o que aconteceu comigo, ne? Eu fui pra uma área que eu não tinha a princípio, durante a faculdade, afinidade (...) Específico da minha área, precisa se investir muito. Eu percebo, no caso da universidade, citar qual, agora, se ta falando mais, dos projetos com autistas, da fisioterapia. Achei incrível. Na minha época não se ouvia falar de projetos assim na faculdade. Então, trabalhar mesmo a questão da inclusão social, inclusão escolar. Eu acho assim, eu acho que é relevante, porque é relevante para todas as áreas da Psicologia. Se você pensar sobre a questão da inclusão. Então vai desde a Psicologia Organizacional, a Jurídica, que há vários casos de realmente de negligência assim, no sentido de que as escolas ainda rejeitam as matrículas, alegam não estar preparadas para receber esses alunos, isso é um direito, é uma questão que ninguém tira (...)

Quando questionada quanto a algum aspecto que gostaria de complementar a profissional ressalta a necessidade de contato com diversas áreas, oferecer mais disciplinas eletivas, com diversidade de conhecimentos:

(...) Então assim, eu realmente acho que você ter um contato com diversas áreas é crucial para a formação, pra diminuir, talvez, essa... diminuir essa tensão inicial, ne? Porque você entra muito novo, você tem realmente que dedicar muito tempo e ficar sempre continuar dedicando. Mas talvez seria assim menos, eu poderia ter tido menos insegurança no início, se eu tivesse tido contato com a área. Eu fiquei com receio porque a gente era novo no cargo, ne? Era um desafio, entende? Talvez se eu tivesse experiência seria mais fácil no início pra mim. Mas... eu acho assim, a grade é realmente... não sei como está agora, mas assim, é tudo muito rápido, ne? Acho que se tivesse mais tempo para se dedicar a algumas disciplinas, ne? Por exemplo, igual eu falei, a do excepcional. Foi só uma matéria, só um período com essa matéria, específico. Então assim, eu acho que vale a pena investir mais mesmo. Oferecer talvez mais disciplinas eletivas, que abrangem diversos interesses, ne? Diversidade de conhecimento.

Vivência da Técnica Social na área de Psicologia (P8)

A psicóloga relata ter entrado na faculdade com o interesse de conhecer a Psicologia na prática, sendo assim participou de diversas atividades extracurriculares desde o primeiro período, por possuir interesse em relação a área de organizacional participou da Apsi e realizou estágio na Embratel (neste estágio se desmotivou com a área organizacional), fez estágio em uma clínica credenciada ao DETRAN, na qual teve experiência com a aplicação de testes; participou de uma pesquisa relacionada a percepção de stress, na qual se desmotivou com a área de pesquisa. Realizou estágio

relacionado ao sistema prisional, no qual trabalha atualmente. Em seguida participou de um PET temático na área de álcool e drogas, no qual pode ter contato novamente com pesquisa.

Em 2007, no primeiro período da faculdade, eu já entrei na faculdade muito assim... Querendo visualizar a Psicologia na prática... Então, primeira oportunidade prática que eu fiquei sabendo em termos de estágio foi a APSI, ne? que era a empresa júnior de Psicologia. Aí eu fiz a seleção, consegui, passei e aí fiquei estagiando na APSI, do primeiro ao terceiro período da faculdade. Foi bem rico assim, ne? Foi um aprendizado muito grande. Quando eu entrei na faculdade, eu já me interessava pela área organizacional da Psicologia (...) No quarto período, eu consegui um estágio na área de avaliação psicológica. Era uma clínica, credenciada ao DETRAN. Aí também foi uma oportunidade boa, assim, pra eu ter conhecimento dos testes psicológicos, porque acaba que, no senso comum, ne? a gente tem... as pessoas cobram isso da gente... Ai, como é que é o teste tal? e eu ficava com aquela angústia, no início da faculdade, eu quero ter o que passar. E esse estágio foi muito bom por isso também. Eu tive acesso aos testes, ne? psicológicos o PMK ou teste de atenção concentrada, Fister, teste de atenção difusa, TAT... uma série de testes, ne? os que a gente aplicava mais no dia a dia, era o PMK e o AC. Aí também, ne? foi interessante, mas foi um estágio assim, que não me chamou muita a atenção justamente por aquilo que a gente descobre, ne? que o teste, por si só, ele não é um instrumento mágico e a gente, tem muita pouca oportunidade, de associar o teste à entrevista, ne? (...) E também nesse momento, enquanto eu estava nesse estágio extracurricular, eu me envolvi em um projeto de pesquisa da faculdade. É... deixa eu tentar lembrar o nome correto. Era com o professor (nome do professor foi suprimido), lá da faculdade. E era sobre percepção... era pra validar uma escala de percepção de stress. E assim, não foi uma experiência positiva, porque o projeto em si era desorganizado, a gente passou quase que um ano pra conseguir uma amostra aleatória junto ao departamento de estatística da UFJF... e assim não consegui, com aquele projeto, entender o que que era pesquisa (...) Foi uma iniciativa que não deu certo? (...) Por volta do quinto período eu entrei na EMBRATEL. Aí na EMBRATEL... Tô falando muito ne?

NÃO, PODE FALAR... NÃO, É ISSO MESMO...

É isso mesmo? É... na EMBRATEL eu comecei a lidar um pouco com o lado mais frio da Psicologia Organizacional do Trabalho, porque, assim, você não tinha muita oportunidade de desenvolver a questão da Psicologia, você tava ali, mesmo que dominado por uma lógica empresarial (...) acabou também me levando a repensar se eu realmente me identificava com a área Organizacional. Que eu tava conseguindo aplicar muito pouco a Psicologia nesse estágio (...) Enquanto eu estava na EMBRATEL, surgiu, ne? eu fiquei sabendo de um edital pra fazer um estágio aqui, onde eu to trabalhando hoje. Isso eu tava do quinto pro sexto período. E aí eu falei: poxa, na área social, ne? essa questão de sistema prisional, achava interessante, já tinha ouvido falar desse estágio, quando eu tava no segundo período. Falei: quem sabe? É uma outra área. Até agora eu só to na área Organizacional... vamos tentar outra coisa. Eu tentei, passei e aí foi minha grande surpresa, assim, que eu falo que foi o grande

divisor de águas da graduação, porque eu realmente comecei a me identificar, que essa área social, comunitária da Psicologia é algo que me atraiu muito mais, ne? e também, eu tive disciplinas, acho que terceiro, quarto período, de social e aí com a experiência do estágio, foi uma coisa que, assim, me abriu os olhos, ne? (...) E aí eu fiz o estágio aqui durante dois anos. E aí no final do estágio aqui, quando eu tava no nono período, isso mesmo. No nono período, eu já tava assim, apesar de gostar muito do estágio, eu tava com aquela sensação assim: estou formando e não me envolvi com pesquisa na faculdade como eu gostaria. Pra associar à prática que eu vinha tendo, eu sentia muita falta, ne? desse subsídio teórico mesmo. Eu falei: gente, eu to formando e preciso de alguma coisa que vá encaixar com meu trabalho. Justamente no início de 2011, quando, no ano da minha formatura, surgiu o PET, na área de saúde mental, álcool e drogas. Foi um PET temático e específico na área de drogas e esse PET era interessante porque não tinha simplesmente só uma parte de pesquisa, a parte teórica, que era interessante porque tinha uma parte de campo, ne? que você... é... tinham 3 campos na verdade, era prevenção, reinserção e tratamento de usuários (...) e acabou que foi tão interessante que, assim, eu aprendi realmente um pouco mais de como se faz pesquisa, que eu considero que eu cheguei no nono período da faculdade, sem saber nada de pesquisa. Então, assim, eu consegui desenvolver, aprender um pouco mais, ne? a respeito da pesquisa. Foi algo que, assim, acrescentou na prática desse estágio que eu fazia e também me levou a fazer minha conclusão de curso, meu trabalho de conclusão de curso nessa área. O tema foi reinserção social de usuários de drogas, ne? desafios, possibilidades. Então eu fiz, ne? nesse formato de artigo. E aí eu formei. Aí eu acho que eu fiz um pouco disso, ne?

Com relação ao contato prévio com a área de atuação a psicóloga realizou estágio por dois anos na instituição em que está inserida, além das disciplinas na área de Psicologia social.

(...) Eu tive disciplinas, acho que terceiro, quarto período, de social e aí com a experiência do estágio, foi uma coisa que, assim, me abriu os olhos, ne? eu lembro que no início da faculdade, uma coisa que eu falava que eu não queria trabalhar de jeito nenhum era com a questão de uso de drogas, temática drogas. Eu achava aquilo muito batido, sem muitas conclusões, não queria... E eu fui me apaixonando por vivenciar isso na prática, ne? é... durante a faculdade. E aqui, assim, eu fui supervisionada, por três excelentes profissionais, assim, ne? um é o (nome do profissional foi suprimido), que trabalha comigo até hoje e as outras duas não trabalham mais aqui. Uma eu to inclusive substituindo, ne? a licença dela. E, assim, foi mesmo na prática. Eu lembro nos primeiros dias de estágio eu já tava atendendo as pessoas, fazendo o acolhimento, ne? e entendendo, assim, um pouco do funcionamento da rede de suporte social, ne? e uma coisa que foi muito rica também pra mim nesse estágio foi o trabalho interdisciplinar, porque como que aqui, ne? a gente conta com uma equipe que tem psicólogo, assistente social e advogado, eu fui aprendendo um pouquinho de outras áreas e então isso, assim, te revela outro mundo. E aí eu fiz o estágio aqui durante dois anos.

A avaliação que a profissional faz da faculdade é muito positiva, no sentido de a graduação ter apresentado variadas possibilidades de áreas de atuação.

Eu avalio de forma positiva, ne? eu acho que a nossa Faculdade e, assim, o nosso curso hoje se destaca mesmo por essa questão da pesquisa, desse rigor acadêmico, ne? eu acho, assim, isso muito válido. Eu acho que nesse sentido que a Academia, que a graduação tem de te apresentar variadas possibilidades de atuação, eu acho que isso foi oferecido, ne? eu tenho pelo menos uma noçãozinha do que que é cada coisa, do que que é Psicologia Hospitalar, do que que é Psicanálise, do que que é a Clínica na Terapia Cognitivo Comportamental, da Terapia Cognitiva, um pouco do que é a Psicologia Escolar Educacional... então, nesse sentido de apresentar o campo, eu acho que a graduação foi boa. Assim, me mostrou uma Psicologia que eu desconhecia, ne? eu entrei na faculdade pensando que a Psicologia era uma coisa e sai vendo que a Psicologia é uma outra, ne? muito mais até filosófica, com menos respostas do que eu imaginava que teria, ne? muito mais... te apresentando mesmos demandas... então, eu acho, eu considero, assim, positiva.

Porém a psicóloga destaca o fato de ser bem jovem, e não ter tido maturidade para aproveitar melhor o que a faculdade oferecia em termos de pesquisa, projetos e professores. Além da necessidade de repensar os métodos de avaliação.

Eu acho que eu... se eu tivesse um pouco mais de maturidade, porque eu entrei na faculdade muito nova, eu sou nova, ne? tenho 23 anos e já to trabalhando. Eu entrei na faculdade com 17 anos, fiz 18 no primeiro período. Então eu vejo assim, se eu tivesse mais maturidade eu poderia ter aproveitado melhor as pesquisas, os projetos, é... oferecidos pela faculdade, os professores... poderia ter me dedicado mais, me aprofundado mais. Eu acho que é mais um conjunto de coisas, ne? na vida, é um monte de pessoas sendo apresentadas, falta de maturidade. Então eu acho assim, eu poderia ter me dedicado mais assim, na graduação. Mas, é aquela coisa, também é todo um sistema de avaliação, ne? nas avaliações eu ia bem, ne? então assim, igual Psicanálise, que eu nunca me identifiquei muito, era uma das minhas maiores notas. Então é aquela coisa de você saber fazer uma prova. De repente assim, repensar o método de avaliação da Academia, sabe? A que eu tive mais dificuldade foi na área da Psicologia Educacional e Escolar. Que, assim, as minhas notas eram piores, mas, ao mesmo tempo, eu tenho a impressão de que foram as disciplinas que eu mais aprendi. Então, assim, é tudo um pouco contraditório, assim... mas a avaliação foi positiva.

A psicóloga destaca as matérias de Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Psicologia Institucional, nesta disciplina a P8 destaca a visão da professora do serviço social. Além de uma disciplina eletiva que trabalhava a política para usuários de drogas.

Então, é... eu vejo assim, Psicologia Social.. é... as disciplinas do (nome do professor foi suprimido), ne? a Psicologia Social. As disciplinas do (nome do professor foi suprimido), que eu fiz. Psicologia Comunitária, aquele... uma outra Psicologia... é... como que chama essas ELETIVAS? Teoria... não... ah, não lembro do nome da disciplina, mas era uma disciplina que trabalhava um pouco de Supera, do Ministério da Saúde, pra usuários de drogas, que foi uma disciplina que eu fiz, também eletiva. As disciplinas da (nome da professora foi suprimido) de Psicologia Institucional. Não lembro a outra que eu fiz, mas assim eu lembro que a visão da (nome da professora foi suprimido) também me inspirava muito, até também pela formação dela em Serviço Social, que era uma coisa que a gente trabalha muito aqui também, essa interação. Assim, as que eu posso destacar aqui que contribuíram mais, pra aquilo que eu faço hoje.

A profissional destaca a superficialidade com que os conteúdos muitas vezes foram oferecidos, o que a fez se sentir despreparada para atuar no campo, ressalta que no início da faculdade houve ênfase em conteúdos como História da Psicologia e Fundamentos da Psicanálise. A psicóloga destaca sentir falta de uma maior discussão acerca da Psicologia nas políticas públicas. Além disso, relata que sentiu falta de os professores abordarem as formas de intervenção nas disciplinas oferecidas.

Ah... eu acho, mas, assim, é difícil explicar, porque, assim, talvez o papel da graduação não seja esse. Porque eu entendo que a graduação tem essa coisa de te apresentar, ne? As variadas possibilidades. Mas justamente esse objetivo de te apresentar, não te dá a possibilidade de você aprofundar. Então assim, você acaba... A sensação que eu tenho, ne? Em muitos assuntos da Psicologia que tipo eu fui apresentada a eles, mas eu não sei profundamente, ne? A respeito deles. Então assim... é... nossa, eu to assim, sem saber como falar. Mas eu acho assim... é... a questão da interdisciplinaridade. A gente aprende, a gente discute isso em algumas disciplinas, mas nunca na teoria, sabe? A gente... em nenhum momento assim é... nenhuma disciplina eu acho que houve uma discussão aprofundada acerca do papel da Psicologia nas políticas públicas, é... deixa eu pensar mais aqui. As próprias formas de tratamento, por exemplo, do usuário de drogas. Foi uma coisa muito pincelada, muito superficialmente.

(risos)

Ne? não pode ter, ne?

(risos) não sei, depende...

É... assim, da disciplina eletiva que eu fiz, teve isso. Mas assim, é... pincelada. Você vai aprender na prática, porque... ne? ou então se você fizer uma pós, uma especialização. A graduação não te oferece isso. Então... em alguns momentos eu me senti despreparada mesmo pra atuar no campo. É aquela coisa que você fala assim: ai meu Deus, formei, será que eu sei alguma coisa? E eu acho também o início da graduação muito focado, ne? História da Psicologia e Fundamentos da Psicanálise. E assim... pro que eu faço hoje, é uma outra realidade, não contribuiu muito. Então assim, foi um grande período dedicado, desenvolvimento... não, desenvolvimento foi importante também. Mas assim,

praticamente o início da faculdade, pra aquilo que faço hoje, é bem diferente. Assim, as disciplinas, sabe? Então eu acho que seria isso.

VOCÊ ACHA QUE DEIXOU DE ABORDAR ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES?...

Ah, eu acho, eu acho. Mas eu sei que não consegui explicar muito bem, né? isso... mas... é... assim, por exemplo, é... na própria Psicopatologia, quando a gente estuda aquela questão de Funções Psíquicas, é... eu acho, assim, que deixou de abordar, assim, como intervir em cada caso, sabe? É... essa escuta psicológica mesmo. Eu acho que, assim, te dá poucos elementos. Existiam disciplinas para isso, mas... igual teve uma lá PGE 3. Trabalhava a questão de memória, você lembra?

UHUM.

Mas assim. Não te deu muitos elementos pra lidar com isso, casos assim... eu acho que faltou, assim, estudo de casos nas disciplinas, sabe? Algo pra tornar um pouco mais fácil a visualizar isso. eu acho que seria isso.

A psicóloga sugere abordar estudos de casos práticos, além de propiciar espaços de interlocução entre de teoria e prática.

Uma sugestão que eu tenho é essa questão da abordagem de estudos de caso. Que eu me lembre, a não ser dos casos do Freud, dos textos do Freud, ou as aulas do TCC com a (nome da professora foi suprimido), não me lembro de outras disciplinas que apresentavam casos práticos, de atuação profissional. E, de repente... assim, em algumas disciplinas até teve isso, a gente teve que fazer trabalho de campo, visitar instituição, em algumas. Mas isso não foi uma coisa muito recorrente. Nem sei se a grade curricular, como ta hoje, já está procurando fazer isso. Mas eu acho que seria interessante, propiciar mais espaços de intervenção mesmo da prática com a teoria. É... a gente só vai vivenciar isso mais do sétimo período pra frente, no momento do estágio curricular obrigatório. Eu acho que poderia ser algo desde o início do curso, pra que o aluno se situe, porque às vezes eu acho que o aluno demora pra cair a ficha dele, do que que é a Psicologia justamente por isso. Porque ele vê, né? fala coisa toda da História da Psicologia pá pá pá... que eu não to me desfazendo disso, porque é extremamente importante, né? você entender o contexto da sua profissão e a própria trajetória da profissão. Mas, assim, pra até possibilitar um olhar mais atento assim... a aplicação mesmo daquilo, sabe? Eu acho que isso poderia contribuir mais. É... eu acho que é isso.

6.2. - Síntese das Vivências sobre formação

A síntese apresentada se estrutura de maneira que as falas significativas das profissionais que nos auxiliam na compreensão do fenômeno estudado sejam destacadas.

Quando avaliamos a trajetória acadêmica podemos perceber duas perspectivas distintas: Profissionais que se especializaram precocemente na graduação (P1, P6, P7, P8), aqui estamos considerando a passagem por 3 ou menos áreas: e as que tentaram passar pelo maior número de áreas ou atividades oferecidas (P2, P3, P4, P5). Este aspecto foi considerado, pois nos ajuda a entender como as profissionais desenvolveram sua formação.

Um segundo quesito importante diz respeito ao contato prévio, que estas profissionais tiveram com sua área de ocupação atual. Nossa amostra tentou focar áreas de atuação bastante distintas, porém é possível perceber que a maioria das psicólogas consegue relacionar algum aspecto de sua formação com sua atuação atual. Seja por meio de matérias (P1, P7, P8); estágios (P1, P4, P6, P8); ou em pesquisa (P3).

A Psicóloga em Interface com a Justiça (P2) destaca não ter tido contato com a área em que atua, como expressa a passagem:

Não, nada. Na verdade essa área que eu atuo como eu falei ela é muito nova, tanto que a gente tem bastantes psicólogos que entraram quase todos formados aqui em São Paulo, mais a gente tem uma discussão muito grande, por exemplo, tipo de documento que a gente tem que elaborar e não tá enquadrado naquela normativa do CFP que fala de documentos psicológicos que a gente possa fazer, na verdade assim, se a gente der uma encaixadinha cabe, mais não é nenhum deles.

A Psicóloga Social também apresenta uma visão interessante sobre a questão, visto que ao mesmo tempo em que consegue relacionar uma prática com grupos aprendida em estágio, destaca que a visão ao tratar das questões sociais se modifica:

Não, assim, é parecida em um sentido, mas assim em outros não. No sentido, assim, prático tudo bem, eu fazia um grupo com crianças de baixa renda, NE? De uma unidade básica de saúde, NE? Mas assim em sentido... mas era uma Psicologia comunitária voltada para a saúde pública, NE? Mas agora a Psicologia comunitária que eu faço é voltada para a assistência social, NE? É diferente. Eu nem conhecia, fui conhecer quando eu fiz concurso de Belo Horizonte, que aí eu estudei aquilo pela primeira vez.

Avaliação da formação

A avaliação das profissionais acerca da formação em Psicologia esteve atrelada a duas perspectivas, avaliação do curso oferecido pela UFJF (P1, P2, P3, P4, P6, P7, P8) e avaliação a partir da postura enquanto estudante de graduação (P5, P8).

Com relação à formação oferecida pela universidade mais da metade das profissionais percebe como positiva (P2; P4; P6; P7; P8): P2 (Psicóloga em interface com a justiça) destaca como aspecto positivo o senso crítico oferecido:

Então, embora a nossa formação tenha sido boa, eu acho que ela foi muito boa na perspectiva de formar, de favorecer, que a gente tenha senso crítico, que é uma coisa que a gente não vem tendo em todas as universidades, cada vez mais eu vou vendo que... Embora na área de humanas seja até mais comum do que em outras áreas, mais a maioria das faculdades não promove esse questionamento da realidade, questionamento das situações bases e tudo mais, então eu considero que isso foi um dos aspectos mais enriquecedores pra nós, pra mim pelo menos que me formei lá;

P4 - *Eu avaliava muito bem, quando eu tava na graduação, NE?. Mas assim, ultimamente, ela é muito boa, mas até que ponto ela é aplicável.*

P6 - (Psicóloga Clínica) relata que formação foi suficiente para a atividade que realiza atualmente:

Comparando com pessoas que eu conheço, de outras faculdades, de outros cursos, eu vejo que elas não tiveram contribuições da faculdade que hoje eu tive e que me ajudam muito na prática, ne? Então, apesar de você formar e ter que buscar uma coisa por fora, de forma geral o caminho, a semente meio que foi lançada ali e eu consigo caminhar, assim, muito com a formação que eu tive.

P7 - (Psicóloga Escolar) relata que a formação foi positiva no que se refere à área de saúde, área em que focou sua formação, a profissional desta a responsabilidade do aluno em dirigir a própria formação:

Então, eu avalio assim. A formação na Universidade Federal foi boa, mas, assim, eu dou mais mérito também aos alunos. Assim, porque às vezes assim... lógico, tivemos excelentes professores, mas eu sinto muito essa questão da responsabilidade pessoal, de você trilhar realmente as suas escolhas, você dedicar mais tempo ou não, ne? Então, assim, eu apesar de eu ter me dedicado muito especificamente em uma área, que foi a da saúde, eu me arrependo depois de não ter passado por diversas áreas, ter tido contato com as diversas áreas, que me fez falta depois na hora da atuação mesmo, profissional. Mas, dentro daquilo que eu tinha estabelecido para mim, eu avalio como uma boa formação.

P8 - (Técnica Social em Psicologia) destaca como ponto positivo a faculdade ter apresentado variadas possibilidades de atuação, além de o curso se destacar por suas pesquisas:

Eu avalio de forma positiva, ne? eu acho que a nossa Faculdade e, assim, o nosso curso hoje se destaca mesmo por essa questão da pesquisa, desse rigor acadêmico, ne? eu acho, assim, isso muito válido. Eu acho que nesse sentido que a Academia, que a graduação tem de te apresentar variadas possibilidades de atuação, eu acho que isso foi oferecido, ne? eu tenho pelo menos uma noçãozinha do que que é cada coisa, do que que é Psicologia Hospitalar, do que que é Psicanálise, do que que é a Clínica na Terapia Cognitivo Comportamental, da Terapia Cognitiva, um pouco do que é a Psicologia Escolar Educacional... então, nesse sentido de apresentar o campo, eu acho que a graduação foi boa.

O aspecto ressaltado por P8 (Técnica Social em Psicologia) não é destacado por outras profissionais, sendo que muitas delas afirmam o contrário: P1 relata a carência em abordagens diversas:

Eu senti uma certa carência de algumas abordagens teóricas dentro da Psicologia e também eu achei que a minha graduação foi muito focada em algumas áreas, mais eu sinto alguma carência em algumas áreas, por exemplo, Psicologia social, em contrapartida a Psicologia escolar agente teve um foco bem determinado ali, então acho que foi uma formação mediana que me deu um certo panorama do que é a Psicologia com certeza, é isso.

P2 - (Psicóloga em interface com a justiça) aponta que a faculdade não amplia os olhares com relação a outras áreas de atuação, uma vez que foca a formação voltada para a pesquisa:

(...) agora deixa a desejar nesses outros aspectos, de ampliar os nossos olhares embora já não seja mais clínico que é formação tradicional em Psicologia, a gente já não é tanto, mais puxa muito pro lado acadêmico, o lado acadêmico de pesquisa, de mestrado, e a gente cai no mercado de trabalho e vai procurar pra onde que tem espaço e os espaços estão nessas outras áreas todas, é um pouco disso.

P3 - (Psicóloga Jurídica) aponta que a graduação dá ênfase a pontos específicos, não contempla áreas diferentes das ênfases do curso:

Eu acredito que o curso dá ênfase em pontos específicos ne, assim como é exigido, ne, que cada curso tenha as grandes áreas de abordagem no nosso caso eu acho que seria a escolar, e a social, ne, alguma coisa do tipo desenvolvimento social, mas acredito que o que foge disso a formação é muito deficitária, porque você não vê isso, nem em disciplinas, nem em possibilidades de estágio que são raras. No caso da Psicologia jurídica, por exemplo, que eu to atuando, não tem nenhuma disciplina no curso, nenhum professor no departamento que aborde o tema e estágio extracurricular só tem um, o curricular nenhum (...). Não só para a área de jurídica, mas outras também que não são abordadas dentro destes dois grandes blocos do curso (...).

Além da falta de abordagens diversas e áreas de atuação, algumas falhas apontadas dizem respeito à distância entre a Psicologia ensinada e a sociedade (P5):

Eu avaliava muito bem, quando eu tava na graduação, NE?. Mas assim, ultimamente, ela é muito boa, mas até que ponto ela é aplicável. Porque eu acho que o psicólogo hoje em dia, ele tá muito, existe uma dissonância a Psicologia e a sociedade. A Psicologia aplicada às políticas públicas. A Psicologia, assim, questionando a sociedade, sabe? Eu acho que existe muita Psicologia, a gente até NE? Não sei NE?... É muito a minha opinião, assim... Uma Psicologia de laboratório, sabe? Mas quando você vai sair, você não sabe aplicar... É muito diferente... Mas eu acho que eu levei esse baque maior, porque eu entrei numa área muito nova.

A falta de professores qualificados em alguns momentos (P8 – Psicóloga Clínica):

(...) em alguns momentos tivemos professores substitutos que não tinham o mesmo nível que professores que já estão, ne? Com a carreira mais estabelecida. Algumas matérias deixaram muito a desejar, porque o professor realmente não tinha, é..., não tinha mesmo competência pra passar aquilo ou não tinha competência, de alguma forma não conseguiu transmitir pra gente. E... em alguns momentos também, até professores que são do Departamento, que são efetivos, deixavam mesmo algumas matérias a desejar. Talvez por dar alguma matéria que não tinha tanta afinidade, porque é um departamento com poucos professores, ne? No caso, a gente cobra do professor, mas a gente vê que ele ta dando uma matéria que não era, não é aquilo que ele estudou, não é aquilo que ele se dedicou mais. Então, é muito complicado. Algumas matérias realmente deixavam a desejar (...).

Metodologias de ensino mais adequadas (P6 – Analista de Recursos Humanos; P8 – Técnica Social na área de Psicologia):

(...) eu sinto algumas falhas na formação, como por exemplo, desenvolvimento, peguei o livro de desenvolvimento para ler, como eu decorei muita coisa na

época, porque a (nome da professora foi suprimido) exigia que gente decorasse, hoje eu não lembro mais, então hoje eu to tendo que rever, reler, fazer tudo nos mínimos detalhes, para ver se eu aprendo ao invés de decorar (...) (P6 – Analista de Recursos Humanos)

Então é aquela coisa de você saber fazer uma prova. De repente assim, repensar o método de avaliação da Academia, sabe? A que eu tive mais dificuldade foi na área da Psicologia Educacional e Escolar. Que, assim, as minhas notas eram piores, mas, ao mesmo tempo, eu tenho a impressão de que foram as disciplinas que eu mais aprendi. Então, assim, é tudo um pouco contraditório, assim... mas a avaliação foi positiva (P8 – Técnica Social na área de Psicologia)

Além de conteúdos que não foram oferecidos (P5, P6): “*eu acho que teve falhas assim, a universidade deixou de oferecer algumas coisas que eram importantes.*” (P5 – Analista de recursos humanos); “*(...) mas a gente encontra também muitas dificuldades. Matérias que eu queria cursar e que não foram oferecidas, porque não tinha professor.*” (P6 – Psicóloga Clínica).

Com relação aos aspectos pessoais, as profissionais consideram que lhes faltou maturidade para aproveitar tudo o que a universidade lhes oferecia (P5, P8).

Eu acho que podia ter feito muito mais, com a maturidade que eu tenho, mas eu acho que na época eu não tinha a maturidade, suficiente para escolher para onde ir. É muito fácil a gente olhar um pouquinho para trás e ver que nossa eu podia ter feito isso, podia ter feito aquilo, mas na hora são tantas opções que você fica um pouquinho perdido (...) (P5 – Analista de Recursos Humanos).

Eu acho que eu... se eu tivesse um pouco mais de maturidade, porque eu entrei na faculdade muito nova, eu sou nova, ne? tenho 23 anos e já to trabalhando. Eu entrei na faculdade com 17 anos, fiz 18 no primeiro período. Então eu vejo assim, se eu tivesse mais maturidade eu poderia ter aproveitado melhor as pesquisas, os projetos, é... oferecidos pela faculdade, os professores... poderia ter me dedicado mais, me aprofundado mais. Eu acho que é mais um conjunto de coisas, ne? na vida, é um monte de pessoas sendo apresentadas, falta de maturidade. Então eu acho assim, eu poderia ter me dedicado mais assim, na graduação (...) (P8 – Técnica Social na área de Psicologia).

Disciplinas ou atividades indispensáveis à atuação

Duas profissionais apontaram como indispensável a prática, à formação em geral:

O conjunto da formação ele trouxe, permitiu que eu vá pra avaliar as coisas por exemplo, com um olhar da Psicologia, com avaliação da ciência digamos assim, que é complicado também a gente a discussão por que a ciência é muito lúdica no nosso caso, então acaba que é um olhar do viés que eu tenho de interpretar o ser humano, então assim, de modo geral contribui, mais disciplinas específicas acho que são essas que eu não fiz que poderiam ter contribuído (P2).

E o conjunto de experienciais (P3):

Eu acho que as experiências como um todo acabam construindo muita coisa, NE? Você ter visões diferentes, ambientes diferentes, instituições, cada instituição com suas peculiaridades, mas eu não identifico uma única assim até porque não tem nada na graduação que eu tenha feito que se assemelha ao meu trabalho atual, então eu não identifico uma, talvez lógico o conjunto de coisas que me deu uma bagagem profissional assim, mas nada específico.

A metade das profissionais destaca a importância dos estágios como indispensáveis à atuação (P2; P5; P6; P7): *Eu acho que o estagio foi muito importante, não que ele seja diretamente relacionado no meu dia a dia, mas favoreceu essa questão do diálogo (P2); (...) dos casos que eu comecei a ter contato durante a faculdade, que eu fui construindo aquilo que eu hoje eu trago pra minha prática (P6).*

(...) a Apsi foi essencial, mas não seria uma matéria, seria uma empresa júnior na verdade, foi essencial, e o meu estágio no Caed também foi essencial. Assim como o meu estágio com o (nome do professor foi suprimido), também ajudou bastante, então assim, eu acho que foi um pouquinho de tudo assim (P5).

(...) eu consigo perceber muito na área da saúde. Tanto nos atendimentos clínicos, que eu fiz aqui no João Penido, me deu uma escuta melhor, me deu uma sensibilidade, aprimorou a sensibilidade, na escuta pros atendimentos. Mas, o HU CAS foi fundamental. Foi o primeiro contato já logo com os lactentes. Eu comecei a ter uma percepção mesmo de trabalhar com a prevenção (P7).

P6 ressalta ainda a importância da supervisão de estágio: *os materiais que me foram repassados e o estágio, ne? Porque eu que... a parte da supervisão de estágios.*

Algumas profissionais apontam matérias específicas relacionadas diretamente às suas áreas de atuação: A Psicóloga Hospitalar (P1), destaca as matérias de saúde e

hospitalar, além da Psicologia Comunitária no que se aproxima da Psicologia Hospitalar:

Essas disciplinas que eu falei, Psicologia da saúde e Psicologia hospitalar foram importantes. Também tivemos Psicologia comunitária que aproximou um pouco da minha área de atuação, pois a Psicologia da saúde contempla o hospital e os outros níveis de atendimento em saúde, como o comunitário.

A Psicóloga Social (P4) aponta o pensamento foucaultiano: *A minha base de pensamento é do Foucault, NE? Com essa coisa assim, mas assim, de esquerda mesmo, abrindo mão dessas coisas instituídas;*

P5 (Analista de recursos humanos) aponta a história da Psicologia, pois auxilia no entendimento do desenvolvimento dos testes: *Na parte, por exemplo, de avaliação, eu acho que história da Psicologia foi essencial até para você compreender um pouquinho do desenvolvimento dos testes, porque que eles são assim hoje, aprender um pouquinho de tudo.*

A Psicóloga Clínica (P6), aponta as disciplinas de psicopatologia, teoria e técnicas psicoterápicas e Psicologia escolar; a Psicologia escolar também ganha destaque para P7, visto que atua no contexto da Educação Especial, além disso, destaca as disciplinas de desenvolvimento humano e Psicologia do excepcional.

A profissional 8 (P8), destaca as matérias de Psicologia Social, Psicologia Comunitária, Psicologia Institucional, devido a visão da professora, além de matéria eletiva que trabalhava políticas sobre usuário de drogas: *não lembro do nome da disciplina, mas era uma disciplina que trabalhava um pouco de Supera, do Ministério da Saúde, pra usuários de drogas, que foi uma disciplina que eu fiz, também eletiva.*

Aspectos não abordados pela graduação importantes para a prática

Metade das profissionais relata ter recebido um conhecimento superficial acerca da área em que atuam (P5, P6, P7, P8).

P5: organizacional, se você para pensar a área que atuo hoje a gente não aprendeu na faculdade. Então a gente aprendeu muito pouco, e o que gente aprendeu na verdade foi muito superficial.

P6: *Então, eu não acho que me faltou ter, eu tive a base, mas poderia ser um pouco mais aprofundada.*

P7: *Pra minha prática, eu acho assim, especificamente as necessidades especiais, uma disciplina é muito pouco, ne? Porque assim, fico tudo muito não diria corrido, mas mais superficial. Então assim, é claro, ne? Na prática a gente vai aprimorar e vai tentar aprofundar em cada particularidade da criança. Mas, eu diria assim, pra quem vai se dedicar a educação especial, a gente praticamente teve uma só uma breve iniciativa, uma breve...*

P8: *Ah... eu acho, mas, assim, é difícil explicar, porque, assim, talvez o papel da graduação não seja esse. Porque eu entendo que a graduação tem essa coisa de te apresentar, ne? As variadas possibilidades. Mas justamente esse objetivo de te apresentar, não te dá a possibilidade de você aprofundar. Então assim, você acaba... A sensação que eu tenho, ne? Em muitos assuntos da Psicologia que tipo eu fui apresentada a eles, mas eu não sei profundamente, ne? A respeito deles. Então assim... é... nossa, eu to assim, sem saber como falar (...)*

As razões para esta superficialidade decorrem na visão de algumas profissionais: de professores que não eram bons (P5):

eu acho que faltou bastante, quando começou lá com aquela moça doida, como é que ela chamava?... (nome da professora foi suprimido). Não era a (nome da professora foi suprimido) não, era (nome da professora foi suprimido). Então já era para ter começado bem ali, era só pra (nome da professora foi suprimido) vir aprofundando e a (nome da professora foi suprimido) foi muito superficial, não foi algo legal de aprender, o que eu aprendi mesmo eu aprendi na Apsi e depois aqui, batendo cabeça mesmo, eu não aprendi isso na faculdade, sabe?

Falta de professores (P6): *Mas, como temos outras áreas pra estudar, então isso fica um pouco justificado também;* e da necessidade de se abordar diversas áreas (P1):

Acho que os referenciais teóricos além da psicanálise, e o foco foram sempre a psicanálise, então acho que faltou um pouco isso, outras abordagens. Pra te dar um leque maior de possibilidade de atuação? É, tanto na clínica quanto nas instituições de modo geral.

Foco dado a algumas matérias no início da faculdade (P8):

E eu acho também o início da graduação muito focado, ne? História da Psicologia e Fundamentos da Psicanálise. E assim... pro que eu faço hoje, é

uma outra realidade, não contribuiu muito. Então assim, foi um grande período dedicado, desenvolvimento... não, desenvolvimento foi importante também. Mas assim, praticamente o início da faculdade, pra aquilo que faço hoje, é bem diferente. Assim, as disciplinas, sabe? Então eu acho que seria isso.

Diálogo do psicólogo com as políticas públicas:

P2 - Eu acho que essa parte de saúde pública, saúde coletiva, deveria entrar na obrigatória, a gente não teve alguma coisa não lembro, não sei agora quem, falando um pouquinho sobre a história do SUS e de como que foi esse desenvolvimento, dos direitos, e eu acho que isso faz um pouco de falta, principalmente considerando que hoje é uma área de trabalho muito grande que tem se expandido cada vez mais na intervenção no sistema único de assistência social e de saúde, no de assistência principalmente tem aberto muitas vagas e agente não sai preparado;

P4 - A faculdade? Muito. Porque é, eu até converso com outros profissionais que eu tenho contato, assim, é a Psicologia, pelo menos a Psicologia lá ela não dialoga com a sociedade, e assim, e ainda mais um profissional que na minha área, NE? (P4)

P7 - Então assim, eu diria que se começar a pensar mais, até mesmo na questão da inclusão, ne? Eu diria também que pro problema da inclusão, também é praticamente uma coisa que não vimos na faculdade. A inclusão. E, hoje em dia, a gente tá aí, ne? Então, por ela, é um questão super atual, mas que, durante a faculdade, eu não me recordo de ter sido questionado, trabalhado. Então assim, eu acho que algumas questões também não foram discutidas não, trabalhadas

P8 - A gente... em nenhum momento assim é... nenhuma disciplina eu acho que houve uma discussão aprofundada acerca do papel da Psicologia nas políticas públicas, é... deixa eu pensar mais aqui. As próprias formas de tratamento, por exemplo, do usuário de drogas. Foi uma coisa muito pincelada, muito superficialmente.

A psicóloga jurídica (P3) afirma que a graduação deixou de abordar todos os aspectos importantes à sua prática atual.

Sugestões para o curso de Psicologia

A sugestão apontada pela maioria das profissionais está relacionada à necessidade de que a graduação seja realmente generalista (P3), inserindo maior diversidade de referenciais teóricos (P1, P5), e que possa incentivar os alunos a ter contato com as mais diversas áreas (P7).

Outras sugestões referem-se à necessidade de propiciar espaços de discussão dos problemas atuais da sociedade brasileira (P4), além de inserir disciplinas relacionadas ao SUS, ao sistema de assistência social e de políticas públicas (P2).

P6 sugere a necessidade de contratar mais professores e P5 sugere melhores professores. A profissional 5 (P5) ainda ressalta que a matéria de estatística seja colocada no meio do curso, para que assim o aluno entenda porque esta está sendo estudada.

7. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho se fazem necessárias algumas considerações:

Nosso estudo teve como objetivo entender como a formação, a partir da perspectiva dos egressos do curso de Psicologia da UFJF, formados há no máximo três anos, contribuiu para a atuação destes profissionais em diversas áreas deste campo de conhecimento. Além disso, como objetivos específicos tentamos identificar os pontos positivos; as lacunas nesta formação, disciplinas ou atividade importantes para a atuação profissional; aspectos importantes para a atuação não contemplados pela formação.

O estudo de Malvezzi, Souza e Zanelli (2010), considerou como recém-formados profissionais graduados a no máximo 2 anos, os motivos pelos quais as autoras delimitam esse recorte de tempo não fica claro, parecendo-nos que elas o fizeram de maneira arbitrária. Como desejávamos abranger o maior número de áreas de atuação em Psicologia, bem como a UFJF possui um portal de egressos que mantém os dados de graduados até 3 anos de formado, decidimos fixar em no máximo 3 anos de formatura para a participação na pesquisa.

Um objetivo inicial quando ainda pensávamos a pesquisa não foi possível de ser levado a cabo. Intentávamos através do procedimento preliminar, não somente delimitar as áreas de atuação para assim compor a amostra de nossa pesquisa, mas também produzir dados acerca das características dos psicólogos formados pela UFJF, há no

máximo 3 anos, bem como as áreas escolhidas para sua inserção profissional. Nosso questionário não retornou tantas respostas quanto gostaríamos, sendo assim apenas 1/3 dos mesmos foi respondido ou apresentavam respostas completas. Ainda que não representem a totalidade de egressos formados pela UFJF no período de 3 anos, algumas considerações serão realizadas: Com relação à idade (entre 23 a 29 anos), nossos respondentes se aproximam dos dados relatados Malvezzi et. al (2010), idades entre 24 e 26 anos, a diferença nas idades pode ser justificada pela diferença de período considerado (de 2 para 3 anos de formado).

Dos 45 respondentes, 44 são do sexo feminino, como apontado em outras pesquisas (Bastos et. al, 2010; Bastos & Gomide, 1998; Lhullier & Roslindo, 2013; Malvezzi et.al, 2010), percebemos a feminilização dos profissionais de Psicologia formados pela UFJF.

O resultado das ocupações dos egressos revelam dados interessantes: O fato de mais da metade estar inserido na pós-graduação 18, sendo que destes quase a totalidade estão inseridos na modalidade *strito sensu* (17), mestrado ou doutorado, pode se dever ao fato de o curso de Psicologia possuir um curso de mestrado (S. Araújo, 2011) e mais recentemente ter iniciado as atividades de um doutorado. Além disso, o fato de o curso 4 núcleos de pesquisa (<http://www.ufjf.br/Psicologia/curso/>) e uma pós-graduação permite aos graduandos a possibilidade de se inserirem em pesquisa.

Podemos perceber com relação às áreas em que os recém-formados se inserem a presença de concentração em áreas tradicionais da Psicologia como a clínica (7) e a do trabalho (6) (Catharino, 2008), e na área de social (6). Estes dados não surpreendem, uma vez que “Psicologia e Processos clínicos” e “Processos de Prevenção, Promoção da Saúde e Social” são apresentadas como ênfases deste curso, além disso, como apresenta Bastos et.al (2010) a área organizacional é a terceira área que mais absorve profissionais. A terceira área tida como tradicional (Catharino, 2008; Carvalho & Sampaio, 1997) é também a terceira ênfase deste curso “Psicologia, Desenvolvimento Humano e Processos Educativos”, e apresentou a inserção de apenas 2 profissionais. As demais ocupações encontram-se dispersas em áreas emergentes da Psicologia: psicólogo/a hospitalar; psicólogo/a da saúde; psicólogo/a da jurídica; psicólogo/a em interface com a justiça.

Após as considerações realizadas acerca do procedimento preliminar nos ateremos agora às considerações de que são objeto o presente estudo. Para emprendermos a compreensão das vivências de formação das psicólogas entrevistadas,

optamos por utilizar a pesquisa qualitativa de referencial fenomenológico (Giorgi, 1985), bem como optamos pela entrevista como forma de acesso a estes dados (Ranieri & Barreira, 2010).

É possível perceber que as profissionais se dividem em 2 grupos quando relacionadas às atividades realizadas na graduação. As que optaram por uma especialização precoce e as que tentaram obter o máximo de experiências em áreas diferentes. Este fato coloca em evidência a questão do debate sempre vivo de uma formação generalista X formação especializada (CFP, 2002; Rocha, 1999; Hoff, 1999). A fala de uma das profissionais nos traz um dado interessante, que nos remete a pensar que o mercado de trabalho com suas variadas possibilidades (Malvezzi et. al, 2010) pode apresentar possibilidade de atuação diferente das traçadas ao longo da graduação:

Então, assim, eu apesar de eu ter me dedicado muito especificamente em uma área, que foi a da saúde, eu me arrependo depois de não ter passado por diversas áreas, ter tido contato com as diversas áreas, que me fez falta depois na hora da atuação mesmo, profissional. Mas, dentro daquilo que eu tinha estabelecido para mim, eu avalio como uma boa formação. Ne? Não tive a felicidade, a princípio, de trabalhar na área escolhida por mim durante a faculdade. Então talvez eu me restringi um pouco, ne? durante a faculdade (...).

Acerca da necessidade de um curso mais generalista, vemos que a maioria das profissionais ressalta esta questão, como sugestão para a melhoria do curso de graduação. Ainda apresentam como principal falha da graduação o foco dado a algumas abordagens e áreas de atuação.

Como pode ser visto na sessão “**2.6 - Estrutura do currículo do curso de Psicologia UFJF**” (p.36), o curso de graduação possui três ênfases, acerca deste fato é importante destacar que as profissionais que alegam ter recebido conhecimentos, ainda que superficiais de suas áreas de atuação estão inseridas em áreas afins a estas ênfases (P5 – Psicóloga Organizacional, P6 – Psicóloga Clínica, P7 – Psicóloga Escolar, P8 – Técnica em Psicologia Social). Destaque para duas profissionais, a Psicóloga Organizacional (P4), ainda que não seja uma das ênfases do curso, podemos perceber que o curso de Psicologia da UFJF possibilita espaços de estágio e disciplinas relacionadas a esta área, o que demonstra a força que este campo tem na Psicologia, sendo considerada uma área tradicional (Catharino, 2008, Carvalho & Sampaio, 1997). Psicóloga Social (P4), ainda que esteja atuando numa das áreas contempladas pelas ênfases deste curso, percebe que a visão que necessitaria para esta atuação não foi

estimulada pela graduação: “(...) *A Psicologia, assim, questionando a sociedade, sabe?*”.

Com relação ao que expressa a Psicóloga Social (P4), é interessante notar que esta necessidade de diálogo entre o psicólogo e as políticas públicas também é percebido por outros profissionais (P2, P7, P8). Esta necessidade de diálogo com a sociedade também é expressa por outros autores (Aguirre et. al; 2000; Bastos et.al, 2010; Beto & Simão, 2000; Bock, 1999; Carneiro, 2006; Carvalho, 1984, Neto, 2004; Rocha, 2013).

Com relação às disciplinas ou atividades indispensáveis à atuação temos a ênfase dada pelos profissionais às atividades de estágios, como ressaltado por Witter et. al (2010) e Carvalho (1986), este é um aspecto importante da formação que deve ser levado sempre em consideração pelas instituições formadoras. E o relato das profissionais entrevistadas salienta.

Outro aspecto que merece ser considerado se refere ao corpo docente e aos métodos de ensino, como explicitado por algumas profissionais, em certos momentos estes aspectos deixaram a desejar. Isso pode ser pensado a partir da perspectiva de (Witter & Ferreira, 2010; Witter et.al, 2010), de que a experiência dos professores será um ponto importante do currículo de uma instituição. Este fato também pode estar relacionado ao que indica Bastos et.al (2010), de que a qualidade do corpo docente não tem acompanhado a expansão da graduação.

Como foi visto no subitem “**2.6 - Estrutura do currículo do curso de Psicologia UFJF**” (p.36), a instituição de ensino demorou a implementar as novas diretrizes curriculares, e para estas profissionais não foi oferecido o estágio básico, atividade proposta pelas novas diretrizes. Esperamos que alguns dos questionamentos explicitados pelas profissionais possam ser sanados por esta atividade. Porém entendemos que para que o estágio básico realmente contribua na formação dos futuros psicólogos formados pela UFJF, uma maior articulação entre a teoria e a prática deverá se realizada.

Tendo em vista que o método fenomenológico de pesquisa busca as essências do fenômeno tido como objeto de investigação, pudemos extrair algumas essências a partir dos resultados obtidos. Considerando-se o primeiro objetivo específico temos que as entrevistadas avaliam o curso de maneira positiva.

Entre as principais lacunas da graduação (objetivo específico 2) temos a pouca diversidade de áreas de atuação.

Na visão das profissionais entrevistadas temos como disciplinas ou atividades formativas importantes a experiência dos estágios. E com relação aos aspectos não abordados importantes para a prática (4º objetivo específico), as profissionais ressaltam a falta de aprofundamento nos conteúdos.

Esperamos que este estudo possa contribuir para o conhecimento da formação de profissionais de Psicologia formados pela UFJF. Entendemos a limitação de nosso estudo, visto que foram entrevistados poucos profissionais. Sendo assim, propomos com os dados apresentados apontar algumas indicações acerca da vivência de alguns profissionais sobre seu processo formativo. Salientamos que estudos complementares, utilizando a mesma metodologia, ou metodologias complementares, com amostras maiores sejam implementados, para que assim possamos construir um conhecimento sólido acerca desta temática para o contexto de Juiz de Fora, que possam se aglutinar ao que é produzido no país e no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, C. C. (2007). *A vivência do cliente no processo psicoterapêutico: Um estudo fenomenológico na Gestalt-terapia* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. *Revista de Psicologia da USP*; 11(1), 49-62.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: Uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 93-100.
- Araujo, F. I. C. (2010). “... Mas a gente não sabe que roupa deve usar” Um estudo sobre a prática do psicólogo no Centro de Referência de Assistência Social (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Araújo, S. F. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em Psicologia*, 17(1), 9-14.
- Araújo, S. F. (2011). Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – 1977. In: A. M. Jacó-Vilela (Ed.), *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 156-158). Cidade: Imago Editora.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A regulamentação da profissão Psicologia: Documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30, 170-191.
- Bastos, A. V. B., & Gomide, P. I. C. (1989). O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 6-15.
- Bastos, A. V. B., & Gondim, S. M. G. (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Borges-Andrade, J. E. (2010). O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas?. In O. H. Yamamoto, & A. L. F. Costa (Eds.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 257-271). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bernardes, J. D. S. (2012). A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: Alguns desafios atuais. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32, 216-231.

- Bettoi, W., & Simão, L. M. (2000). Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(3), 613-624.
- Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: Um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17 (2), 37-42.
- Brasil. Lei n.º. 4.119, de 27 de agosto de 1962. Regulamenta a profissão de Psicólogo e dispõe sobre os cursos de Formação em Psicologia. Recuperado de http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/lei_1962_4119.pdf.
- Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2002). Classificação Brasileira de Ocupações 2002. Recuperado de <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>
- Cabral, E., & Sawaya, S. M. (2001). Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: Os psicólogos nos serviços públicos de saúde. *Estudos em Psicologia*, 6(2), 143-155.
- Carneiro, V. T. (2006). *Tornando-se Clínico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.
- Carvalho, A. M. A. (1984). Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 6, 1-14.
- Cerbone, D. R. (2012). *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia. (1988). *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* São Paulo: EDICON.
- Conselho Federal de Psicologia. (2004). Resolução CNE/CES nº 08/2004, de 08 de maio de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, DF.
- Conselho Federal de Psicologia. (1992). Carta de Serra Negra. São Paulo,. Recuperado em 20 de fevereiro de 2013, de: <www.abepsi.org.br>.
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*. Brasília: CFP.
- Conselho Nacional de Educação (Brasil). (2011). Resolução nº. 5, de 15 março de 2011. Câmara de Educação Superior. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Diário Oficial da União 2011, Brasília, Seção I, 19 p.

- Conselho Nacional de Educação (Brasil). (1962). Parecer n.º 403, 1962. Estabelece a carga horária mínima do curso de Psicologia, incluindo as habilitações. Relator: Valnir Chagas.
- Costa, A. L. F., Amorim, K. M. O., & Costa, J. P. (2010). Profissão de psicólogo no Brasil: Análise da produção científica em artigos. In O. H. Yamamoto, & A. L. F. Costa (Eds.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp. 31-58). Natal: EDUFRN.
- Costa, J. P., Amorim, K. M. O., Pessanha, V. C., & Yamamoto, O. H., (2012a). Quem estuda a profissão de psicólogo no Brasil?. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(2), 2-18.
- Costa, J. P., Amorim, K. M. O., Pessanha, V. C., & Yamamoto, O. H., (2012b). A Produção científica sobre a formação de psicólogos no Brasil. *Psicologia em Pesquisa*. 6(2), 130-138.
- Dartigues, A. (1973). *O que é fenomenologia?* Rio de Janeiro: Eldorado.
- Ferreira, M. A. (2007). *Psicologia, trabalho e saúde: um estudo sobre a atuação dos psicólogos no campo da saúde do trabalhador* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Francisco, A. L, & Bastos, A. V. B. (2010). Conhecimento, formação e prática: O necessário caminho da integração. In Conselho Federal de Psicologia (Ed.), *Psicólogo brasileiro: Construção de novos espaços* (pp71-88). Campinas: Editora Alínea.
- Galeffi, D. A. (2000). O que é isto – A fenomenologia de Husserl. *Ideação*, 5, 13-36.
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface, Comunicação, Saúde*, 1(1), 109-122.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Heidegger, M. (2001). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- Hoff, M. S. (1999). A Proposta de diretrizes curriculares para os cursos de Psicologia: Uma perspectiva de avanços?. *Psicologia Ciência e Profissão*, 19(3). 12-31.
- Husserl, E. (1996) *A crise da humanidade européia e a filosofia / Edmund Husserl; introdução e tradução Urbano Zilles*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul.

- Hycner, R. H. (1985). Some guidelines for the phenomenological analysis of interview data. *Human Studies*, 8, 279-303.
- Holanda, A. (2002). *O resgate da Fenomenologia de Husserl e a pesquisa em Psicologia* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372.
- Jacó-Vilela, A. M. (1999). Formação do psicólogo: Um pouco de história. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(8), 79-91.
- Jacó-Vilela, A. M. (2008). Psicologia: Um saber sem memória?. In *Clio-psyché: Histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE.
- Jacó-Vilela, A. M. (2011). Resenha: O trabalho do psicólogo no Brasil. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(1), 90-92.
- Jacó-Vilela, A. M., Ferreira, A. A. L., & Portugal, F. T. (Eds.). (2008). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro, Nau.
- Japur, M., & Guanaes, C. (1999, jul/dez). A percepção de alunos e professores sobre a motivação, como mediadora do processo de formação em Psicologia. *Psico – Revista Semestral da faculdade de Psicologia da PUC-RS*. Porto Alegre, 30 (2).
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2001). *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009) Formação em Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737.
- Lo Bianco, A. C., Bastos, A. V. B, Nunes, M. L. T., & Silva, R. C. (1994). Concepções e atividades emergentes na Psicologia Clínica: Implicações para a formação. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação* (pp. 7-76). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lhullier, L. A., & Roslindo, J. J. (2013). As psicólogas brasileiras: Levantando a ponta do véu. In Lhullier, L. A. (org), *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho*. Brasília: CFP.
- Massimi, M. (1990). *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU.
- Mattos, L. K., & Nuernberg A. H. (2010). A intervenção do psicólogo em contextos de educação especial na Grande Florianópolis. *Revista Brasileira*. 16(2), 197-214.

- Mello, S. L. (1975) *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Massimi, M. (2007). Imagens da natureza na pregação jesuítica em Terra Brasilis. In A. M. H. Baptista (Ed.), *A natureza nos Novos Mundos* (pp. 28-47). Lisboa: Apenas.
- Malvezzi, S., Souza J. A. J., & Zanelli J. C. (2010). Inserção no mercado de trabalho: Os psicólogos recém-formados. In S. M. G. Gondim & A. V. B. Bastos (Eds.), *O Trabalho do Psicólogo no Brasil* (pp. 85-106). Porto Alegre: Artmed.
- Ministério da Educação. (2001). *Parecer CNE/CES n.º 1.314, de 7 de novembro de 2001*. Recuperado em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1314_01.pdf
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.

APÊNDICE 1

Roteiro de entrevista

I - Dados Sócio-demográficos

Idade: ___ anos

Sexo: () masculino () feminino

Ano de ingresso e conclusão da graduação

Estado Civil: () solteiro () casado () outro

Qual sua ocupação atual?

Há quanto tempo trabalha nesta área (cargo)?

II – Questões relativas à formação

Como foi sua trajetória acadêmica? (Caso os participantes não respondam se tiveram contato anteriormente com esta área será realizada pergunta complementar: - Você teve algum contato anteriormente com a área em que trabalha atualmente?)

Como você avalia a sua formação?

Existe alguma disciplina ou atividade (competência) que você avalia como indispensável à sua prática profissional atual? Fale a respeito disto

Em sua opinião, a graduação deixou de abordar algum aspecto que hoje é importante em sua prática diária? Fale a respeito disto.

Você teria alguma sugestão visando a melhor adequação do curso de graduação à prática profissional?

Você gostaria de complementar alguma questão? Algo que tenha deixado de falar.

APÊNDICE 2

Da formação à prática do profissional psicólogo

Formulário de apoio à pesquisa da mestranda Leonice Rezende.

* Required

Número de matrícula

Sexo *

- Feminino
 Masculino

Idade *

Ano de ingresso no curso *

Ano de conclusão do curso *

Área de atuação (ocupação) profissional atual: *

- Psicólogo Clínico;
 Psicólogo do Trabalho;
 Psicólogo do Trânsito;
 Psicólogo Educacional;
 Psicólogo Jurídico;
 Psicólogo do Esporte;
 Psicólogo Social;
 Professor de Psicologia (Ensino de 2º Grau)
 Professor de Psicologia (Ensino Superior)
 Pós-graduação lato sensu;
 Pós-graduação stricto sensu;
 Other:

Never submit passwords through Google Forms.

APÊNDICE 3

Aspectos conceituais da Fenomenologia Filosófica

A palavra Fenomenologia¹ é composta por duas outras palavras de origem grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Este termo foi criado no séc. XVIII pelo filósofo J. H. Lambert (1728-1777), designando o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência (Japiassú & Marcondes, 2001).

A Fenomenologia é um movimento filosófico surgido no século XX e iniciado pelo matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938), a Fenomenologia deveria proporcionar um método filosófico que fosse livre de quaisquer pressuposições daquele que refletisse, ela deveria explorar pura e simplesmente o fenômeno como é dado à consciência (Husserl, 1996), sendo assim deveria ser um método descritivo de retorno “às coisas mesmas” (Moreira, 2002, p. 28). Husserl realiza assim uma “crítica à ciência positivista, reinante na época, que priorizava exclusivamente o uso da razão” (Moreira & Torres, 2013, p. 188).

A Fenomenologia começa com Husserl, mas de modo algum termina com ele.

Embora seus praticantes subsequentes fossem coletivamente inspirados por Husserl, e estivessem em débito com ele, muitos se ramificaram em diferentes direções, às vezes sob formas que complementam sua visão original, às vezes, sob formas que mais propriamente equivalem à rejeição e repúdio. (Cerbone, 2012, p.16).

Moreira (2002) afirma que para que possamos entender a complexidade do movimento fenomenológico não podemos perder de vista cinco tendências dominantes e sucessivas na Fenomenologia do século XX, para os fins deste trabalho estas serão somente mencionadas com seus respectivos autores de referência, são elas: a Fenomenologia Descritiva de Edmund Husserl com a obra *Investigações Lógicas* (1900-01); Fenomenologia Realista, movimento alemão iniciado em 1920 e que busca as essências de universais de vários tipos de assuntos; Fenomenologia Constitutiva de Husserl em 1913 cujo texto básico é a obra *Ideias Relativas a uma Fenomenologia Pura*

¹ O termo Fenomenologia é assaz complexo, tendo em vista a finalidade do presente estudo optamos por uma definição simples, porém recomendamos a leitura da obra de Martin Heidegger, “Ser e tempo”, (2001) uma vez que o autor tece explicação detalhada sobre o conceito de fenômeno e logos.

e a uma Filosofia Fenomenológica; Fenomenologia Existencial originada pela obra de Martin Heidegger (Ser e Tempo), de 1927; Fenomenologia Hermenêutica, também originada pela obra, anteriormente citada, de Heidegger segunda a qual a existência humana é interpretativa.

Segundo Cerbone (2012) a obra completa de Husserl pode chegar a “30.000 páginas estenografadas” (p.28), podemos assim perceber quão extensa e igualmente complexa é a obra deste autor, sendo assim apenas alguns conceitos imprescindíveis à compreensão do presente trabalho serão abordados, são eles:

1) Intencionalidade da consciência (Experiência consciente); 2) Intuição das essências do fenômeno / descrição do fenômeno/ variação eidética; 3) Redução fenomenológica (epoché).

Para começarmos a entender o que vem a ser a *intencionalidade da consciência ou experiência consciente* é importante que pensemos no que vem a ser a experiência. A Fenomenologia se propõe a estudar os fenômenos, que no caso da Psicologia é o estudo da experiência, sendo assim quando damos atenção à experiência ao invés do que é experienciado, estamos prestando atenção ao fenômeno (Cerbone, 2012; Forghieri, 1993, Husserl, 1996).

Quando pensamos em experiência esta é sempre *de* ou *sobre* seus objetos, sendo assim não há experiência sem um objeto, da mesma forma, um objeto só tem sentido quando é objeto da experiência, esta é, portanto sempre intencional. “A intencionalidade representa esse direcionamento em relação ao objeto” (Silva, 2009). Da intencionalidade da consciência, podemos extrair o próximo tópico:

2) *Intuição das essências do fenômeno / descrição do fenômeno/ variação eidética*: A Fenomenologia não está preocupada com a forma como as coisas aparecem ou se manifestam em nossa consciência, seu interesse se dá em como delinear a estrutura essencial da experiência (Cerbone, 2012; Forghieri, 1993, Husserl, 1996).

A característica da intencionalidade da consciência diz que cada objeto é, na consciência, significado e visado, de modo que o objeto intencional pode estar ausente sem que o seu sentido se altere. Sendo assim, podemos perceber que para cada fenômeno que aparece à consciência, captamos a sua essência. Isso significa que a coisa ou o fenômeno não se apresenta somente como um fato, mas nele está presente também o seu sentido (Dartigues, 1973; Forghieri, 1993; Husserl, 1996).

3) A partir da noção de essência dos fenômenos podemos pensar um terceiro ponto na proposta de Husserl: A *Redução Fenomenológica*, uma vez que para que

possamos chegar às essências de um fenômeno devemos suspender nosso juízo e pressuposições, para que assim possamos enxergar o que o fenômeno tem a nos revelar, isto é, realizar a redução Fenomenológica ou epoché (palavra grega para abstenção).

A questão da Redução Fenomenológica aparece para Husserl a fim de responder questões transcendentais, do tipo, “como é possível?”, ela possibilita segundo Galeffi (2000), que os objetos se revelem na sua constituição.

Um termo ainda merece esclarecimento, visto que aparecem na metodologia apresentada: O termo Nomotética “deriva-se de nomos, que significa uso de leis” (Garnica, 1997, p.117). Sendo assim, indica a elaboração de leis ou princípios gerais originados do conhecimento de fatos anteriores.

ANEXO 1 – Grade Curricular do curso de Psicologia até o ano de 2008



Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
 Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional - CGCO
 Sistema Integrado de Gestão Acadêmica - SIGA

Grade do Curso: 32A - PSICOLOGIA

Currículo : 12008

ESTÁGIOS - Deverá cursar 02 estágios de livre escolha dentre os abaixo relacionados					
Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
1	PSI107	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CLÍNICA	10		15
2	PSI108	ESTÁGIO SUPERVISIONADO TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL	10		15
3	PSI109	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA	10		250
4	PSI110	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA HOSPITALAR E DA SAÚDE	10		250
5	PSI111	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA	10		250
6	PSI112	ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO	10		250

1 - DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO - 1.1 - TRONCO COMUM

Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
7	EST001	ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA	1		60
8	MOR022	ANATOMIA VII	1		30
9	EST017	ESTATÍSTICA APLICADA A PSICOLOGIA	2	EST001	60
10	FSI011	FISIOLOGIA VII	2		75
11	FSI012	FISIOLOGIA VIII	2	FSI011	75
12	PSI002	PSICOL.GERAL E EXPERIMENTAL I	2		60
13	PSI019	TEORIAS DA PERSONALIDADE I	2	PSI021	60
14	PSI022	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO I	2		60
15	PSI003	PSICOL.GERAL E EXPERIMENTAL II	3	PSI002	60
16	PSI042	PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO II	3	PSI022	60
17	PSI043	PSICOLOGIA SOCIAL III	3		60
18	PSI044	TEORIAS DA PERSONALIDADE II	3	PSI019	60
19	PSI004	PSICOL.GERAL EXPERIMENTAL III	4	PSI003	60
20	PSI045	PSICOLOGIA SOCIAL IV	4	PSI043	45
21	PSI053	DINAMICA DE GRUPO I	4		60
22	PSI046	PSICOPATOLOGIA GERAL I	5	PSI019	60
23	PSI102	PSICOLOGIA ESCOLAR E PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM	5	PSI042	60
24	PSI047	PSICOPATOLOGIA GERAL II	6	PSI046	60
25	PSI048	TECNICAS DE EXAME PSICOLOGICO I	6	PSI019	75
26	PSI060	TECNICAS DE ACONSELHAMENTO PSICOLOGICO I	6	PSI019	75
27	PSI057	PSICOLOGIA DO TRABALHO	7	PSI044 PSI045	60
28	PSI052	PSICOLOGIA DO EXCEPCIONAL	8	PSI003	60
29	PSI097	SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	8	PSI057	60

1.2 - FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
30	PSI098	TEORIAS E TÉCNICAS PSICOTERÁPICAS I	8		60
31	PSI099	TEORIAS E TÉCNICAS PSICOTERÁPICAS II	10		60

2 - ENRIQUECIMENTO DA UNIVERSIDADE - 2.1 - TRONCO COMUM

Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
32	CSO076	ANTROPOLOGIA: INDIVÍDUO E CULTURA	1		60
33	FIL048	CORRENTES FILOSÓFICAS II	1		60
34	PSI021	TEORIAS E SISTEMAS PSICOLOGICOS	1		60
35	PSI036	PSICOLOGIA: CIENCIA E PROFISSAO	1		60



Grade do Curso: 32A - PSICOLOGIA
Currículo : 12008

36	CSO073	SOCIOLOGIA DA SAUDE	4		60
37	FIL005	ANTROPOLOGIA FILOSOFICA II	4		60
38	PSI049	SEMINARIO EM PSICANALISE I	4		60
39	PSI060	PSICOLOGIA E CULTURA	5	CSO075	60
40	PSI020	TECNICAS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA	5	EST017	60
41	PSI062	PSICOLOGIA INSTITUCIONAL	5	PSI045	60
42	PSI065	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR I	5	PSI102	60
43	PSI051	TECNICAS DE ACONSELHAMENTO PSICOLOGICO II	7	PSI050	75
44	PSI068	TECNICAS DE EXAME PSICOLOGICO II	7	PSI048	75
45	DEO019	ETICA PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA	8	PSI044	45
46	PSI024	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA CLINICA I	8	PSI050	60
47	PSI064	TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO I	8		90
48	PSI027	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA DO TRABALHO I	9	PSI057	60
49	PSI061	PSICOLOGIA E SAUDE	9	PSI036	60
50	PSI065	TRABALHO DE CONCLUSAO DE CURSO II	10	PSI064	90

3.2 - BACHARELADO: 34 CRÉD.(18 CRÉD.OBRIG.DENTRE AS ABAIXO)

Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
51	PSI023	PSICOLOGIA DA PERCEPCAO	2		60
52	PSI041	PSICOLOGIA DA SEXUALIDADE	2		60
53	PSI061	PSICOLOGIA DA MORTE	2		60
54	PSI063	PSICOLOGIA COMPARADA	3		60
55	BIO101	BIOLOGIA CELULAR	4		45
56	PSI008	PSICOLOGIA DA RELIGIAO	4		60
57	PSI031	TECNICAS DE ATENDIMENTO AO EXCEPCIONAL	4	PSI052	60
58	PSI032	PSICOLINGUISTICA	4		60
59	PSI034	PSICOMOTRICIDADE	4	PSI042	60
60	PSI073	TOPICOS ESP. EM PSICOLOGIA DO	4	PSI042	60
61	PSI075	TOPICOS ESPECIAIS EM TEORIAS DA	4	PSI044	60
62	PSI079	TOPICOS ESP. EM ANALISE EXPER. DO COMPORTAMENTO	4	PSI003	60
63	PSI062	TREINO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA I	4		90
64	PSI063	TREINO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA II	4		90
65	BIO102	GENÉTICA BÁSICA	5		45
66	PSI005	PSICOL.GERAL E EXPERIMENTAL IV	5	PSI004	60
67	PSI074	TOPICOS ESP. EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO II	5	PSI042	60
68	PSI076	TOPICOS ESPECIAIS EM TEORIAS DA	5	PSI044	60
69	PSI062	HIPNOLOGIA CLINICA E EXPERIMENTAL	5		60
70	PSI101	PSICOLOGIA HOSPITALAR	5	PSI061	60
71	PSI064	DINAMICA DE GRUPO II	6	PSI053	60
72	PSI077	TOPICOS ESPECIAIS EM TEORIAS DA	6	PSI044	60
73	PSI035	TECNICAS PROJETIVAS	7	PSI044	60
74	PSI078	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOPATOLOGIA	7	PSI047	60
75	PSI033	PSICOMETRIA	8		60
76	PSI066	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR II	8	PSI065	60
77	PSI069	SEMINARIO EM PSICANALISE II	8	PSI049	60
78	PSI072	PSICODIAGNOSTICO INFANTIL	8	PSI042 PSI066	60
79	PSI025	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA CLINICA II	9	PSI024	60



Grade do Curso: 32A - PSICOLOGIA

Currículo : 12008

80	PSI067	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA ESCOLAR III	9	PSI065	60
81	PSI070	SEMINARIO EM PSICANALISE III	9	PSI049	60
82	PSI028	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA CLINICA III	10	PSI024	60
83	PSI028	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA DO TRABALHO II	10	PSI027	60
84	PSI029	TOPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA DO TRABALHO III	10	PSI027	60
85	PSI030	PSICOPATOLOGIA ESPECIAL	10	PSI045	60
86	PSI071	SEMINARIO EM PSICANALISE IV	10	PSI049	60
87	PSI100	ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA I	10		60
88	PSI104	ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA II	10	PSI021	45
89	PSI105	ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA III	10	PSI021	45
90	PSI106	ESTUDOS AVANÇADOS EM PSICOLOGIA IV	10	PSI021	60

4 - DISCIPLINAS OPCIONAIS

Ord.	Código	Nome	Período	Pré - Requisito	Carga Hor.
91	PSI113	TREINO DE PESQUISA III	10		60
92	PSI114	TREINO DE PESQUISA IV	10		60

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



PROJETO DE PESQUISA

Título: Da formação à prática do profissional psicólogo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 03616712.7.0000.8147

Pesquisador: Leonice Bárbara de Rezende

Instituição: Instituto de Ciências Humanas

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 111.167

Data da Relatoria: 16/08/2012

Apresentação do Projeto:

o projeto foi apresentado de maneira clara e objetiva.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos: Investigar como os psicólogos percebem sua formação e se esta foi suficiente para sua atuação profissional nos diversos campos (por exemplo: escolar, clínica, hospitalar, judiciária etc.) da Psicologia. Avaliar os impactos das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia na cidade de Juiz de Fora. Os objetivos estão claros e passíveis de serem realizados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A presente proposta de estudo apresenta risco mínimo, os participantes têm assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de danos produzidos pela pesquisa, bem como o direito ao sigilo acerca de suas identidades.

Os participantes do presente estudo não receberão qualquer tipo de vantagem financeira. O benefício será o de saber que está contribuindo para o desenvolvimento da ciência, além de estarem contribuindo para que se proponha novas formas de ensino de psicologia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem delimitada e objetiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados corretamente.

Recomendações:

Adequar Cronograma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há.

Endereço: JOSÉ LOURENÇO KELLER S/N
Bairro: SÃO PEDRO CEP: 36.036-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.proposta@ufjf.edu

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Mesmo havendo a recomendação de adequar o cronograma, o projeto está aprovado.

JUIZ DE FORA, 30 de Setembro de 2012

Assinado por:
Edelvalds Keller
(Coordenador)

Endereço: JOSÉ LOURENÇO KELMER S/N
Bairro: SÃO PEDRO CEP: 38.038-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3755 Fax: (32)1102-3755 E-mail: cep.proprio@ufjf.edu.br

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada “Da formação à prática do profissional psicólogo”. Neste estudo pretendemos investigar como a graduação em Psicologia contribuiu para a atuação profissional dos egressos deste curso na cidade de Juiz de Fora. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: vários psicólogos de Juiz de Fora serão convidados a participar da pesquisa; apenas os que assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é que poderão participar da mesma; e, respeitando o dia e o horário acordado com cada psicólogo, será realizada uma entrevista individual.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFJF
Pró-Reitoria de Pesquisa / Campus Universitário da UFJF
Juiz de Fora (MG) - CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102-3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Pesquisadora Responsável: Leonice Bárbara de Rezende
Endereço: Campus Universitário/UFJF – instituto de ciências humanas – departamento de Psicologia
Juiz de Fora (MG) - CEP: 36036-900
Fone: (32) ----- / E-mail: leonice.lbr@gmail.com